

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**MOTUS DEI E A MISSÃO DA IGREJA: OPORTUNIDADES DA DIÁSPORA
MUÇULMANA EM SÃO PAULO**

Eduardo Albertin Ramires Pipinel

Eduardo Albertin Ramires Pipinel

**MOTUS DEI E A MISSÃO DA IGREJA: OPORTUNIDADES DA DIÁSPORA
MUÇULMANA EM SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito final no curso de Bacharel em Teologia da
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Analzira Pereira do
Nascimento

São Paulo
2026

PIPINEL, Eduardo Albertin Ramires.

Motus Dei e a missão da igreja: oportunidades da diáspora muçulmana em São Paulo / Eduardo Albertin Ramires Pipinel – São Paulo, 2026.

55 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) – Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Analzira Pereira do Nascimento.

1. Missio Dei. 2. Motus Dei. 3. Missão holística. 4. Igreja local. I. Título. II. Nascimento, Analzira Pereira do.

CDD 266.009816

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Eduardo Albertin Ramires Pipinel

**MOTUS DEI E A MISSÃO DA IGREJA: OPORTUNIDADES DA DIÁSPORA
MUÇULMANA EM SÃO PAULO**

BANCA EXAMINADORA

Prof.a Dr.a Analzira Nascimento – Orientadora

Prof. (titulação) (nome do professor) – Leitor

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Deus trino, que é criador, sustentador e Senhor de todas as coisas, pois Ele é o Deus vivo que se move em direção à sua criação para redimi-la e restaurá-la e é merecedor de toda adoração e louvor.

Também dedico à igreja, que é a amada de Cristo e é movida por Deus em missões para servir, testificar, ensinar e pregar sobre tão grande salvação. Que a igreja possa ser motivada por este trabalho a responder ao seu chamado com graça, devoção e ousadia.

Por fim, dedico este trabalho às pessoas em movimento, quer tenham escolhido isto ou não. Que elas sejam encorajadas por estas páginas e se encontrem com o Javé todo poderoso em suas jornadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me inspirar a falar deste tema e por me dar a oportunidade de participar de sua obra.

Agradeço à Teológica por me apoiar nesta jornada de busca pelo conhecimento e me dar os meios de realizar este trabalho e de finalizar este curso.

Agradeço à minha esposa, Solange, que é minha companheira idônea em toda boa obra e me apoia no ministério.

De um só homem fez todas as nações para habitarem sobre a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem Deus se, porventura, tateando, o possam achar, ainda que não esteja longe de cada um de nós; pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos poetas de vocês disseram: "Porque dele também somos geração."

(Atos 17.26-28)

RESUMO

Este trabalho analisa a Missão de Deus (*missio Dei*) e sua relação com missões a partir de uma hermenêutica missional, articulando as contribuições de Christopher Wright e David Bosch com a Missiologia da Diáspora (MD) e o conceito *Motus Dei*. O estudo busca: delimitar teologicamente missão e missões; sintetizar os propósitos redentivos, reconciliadores e da missão; fundamentar biblicamente a MD; e propor diretrizes para o ministério entre a diáspora muçulmana em São Paulo. Metodologicamente, combina revisão teológica e missiológica com análise de dados secundários (OBMigra, People Groups e Pew), organizando a diáspora por grupos linguísticos e mapeando concentrações no estado paulista. Conclui que a igreja participa da missão divina de forma holística, integrando proclamação e ação social, e que os movimentos migratórios oferecem oportunidades estratégicas para o avanço do Evangelho. Destaca ainda a necessidade de hospitalidade, integração, discipulado e parceria com comunidades diaspóricas, considerando sua mobilidade e temporalidade.

Palavras-chave: *missio Dei*; Missiologia da Diáspora; *Motus Dei*; diáspora muçulmana; missão holística; igreja local.

ABSTRACT

This study analyzes the Mission of God (*missio Dei*) and its relationship to missions through a missional hermeneutic, articulating the contributions of Christopher Wright and David Bosch with Diaspora Missiology and the concept of *Motus Dei*. The study aims to: theologically distinguish mission and missions; synthesize the redemptive, and reconciling purposes of mission; provide a biblical foundation for Diaspora Missiology; and propose guidelines for ministry among the Muslim diaspora in São Paulo. Methodologically, it combines theological and missiological literature review with the analysis of secondary data (OBMigra, People Groups, and Pew), organizing diaspora communities by linguistic groups and mapping their concentrations within the state of São Paulo. The study concludes that the church participates in God's mission holistically, integrating proclamation and social action, and that migratory movements provide strategic opportunities for the advancement of the gospel. It also highlights the need for hospitality, integration, discipleship, and partnership with diasporic communities, while considering their mobility and temporality.

Key-words: *missio Dei*; Diaspora Missiology; *Motus Dei*; muslim diaspora; holistic mission; local church.

LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fluxograma da abordagem ao imigrante	48
Gráfico 1: Composição religiosa dos migrantes mundialmente	34
Gráfico 2: Variação de parte da população imigrante muçulmana entre 2022 e 2025	36
Gráfico 3: A diáspora muçulmana global	40
Gráfico 4: Emissões de visto expedidas no Brasil entre 2022 e 2025	41
Gráfico 5: Povos muçulmanos com residência ativa em 2025 e população superior a 700 pessoas	42
Gráfico 6: População da diáspora muçulmana por estado da federação	42
Quadro 1: Comparação entre as missiologias tradicional e da diáspora	32
Quadro 2: Forças de repulsão e atração no movimento migratório	35
Quadro 3: Agrupamento por grupo de afinidade	40
Quadro 4: Distribuição dos grupos de povos em São Paulo	43

LISTA DE ABREVIATURAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR em inglês).

AT – Antigo Testamento.

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados.

IMB – International Mission Board.

JMM – Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

GDN – Global Diaspora Network (Rede Global de Diásporas do inglês)

MD – Missiologia da Diáspora (Diaspora Missiology, ou DM em inglês).

NT – Novo Testamento

NAA – Nova Almeida Atualizada.

OBMigra – Observatório da Migração.

ONU – Organização das Nações Unidas.

OIM – Organização Internacional para as Migrações (IOM em inglês).

PNA – Povos Não Alcançados.

PNE – Povos Não Engajados.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
DEFINIÇÕES E CONCEITOS.....	15
APRESENTAÇÃO DO TRABALHO	17
1 MISSÃO, MISSÕES E A DIÁSPORA.....	18
1.1 OS PROPÓSITOS DA MISSÃO	20
1.1.1 Vocação abençoadora do povo de Deus no AT e no NT	21
1.1.2 A Missão é holística.....	22
1.1.3 Resumindo os propósitos da Missão	23
1.2 A MISSIOLOGIA DA DIÁSPORA (MD)	24
1.2.1 O discurso de Paulo no Areópago.....	25
1.2.2 As narrativas migratórias nos Antigo e Novo Testamentos.....	26
1.3 TEOLOGIA DO MOVIMENTO – MOTUS DEI.....	28
1.4 DIÁSPORAS COMO UM MODO DE PENSAR MISSÕES	29
1.4.1 Pensando em diáspora como alvo, parceria e meio – as preposições “a”, “por”, “com e além”.	31
1.4.2 Pensando holisticamente em meios de servir e alcançar	33
1.4.3 Pensando na mobilidade – janelas temporais e corredores migratórios. ..	34
2 A DIÁSPORA MUÇULMANA EM SÃO PAULO	36
2.1 AS BASES DE DADOS UTILIZADAS E A SELEÇÃO DE DADOS.	36
2.2 ANÁLISE DOS DADOS – POPULAÇÃO E FLUXOS.....	37
3 PROPOSTAS DE AÇÕES MISSIONÁRIAS PARA O MINISTÉRIO DA IGREJA LOCAL ENTRE A DIÁSPORA MUÇULMANA.....	42
3.1 ALGUNS DESAFIOS QUE MIGRANTES ENFRENTAM.....	44
3.2 PRINCÍPIOS PARA UMA ABORDAGEM EFICAZ.....	45
3.3 AÇÕES PRÁTICAS	47
3.4 APLICAÇÃO AO CONTEXTO DA DIÁSPORA MUÇULMANA EM SÃO PAULO	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

Deus está em movimento. A Trindade se movia na criação, Deus moveu seu povo pela História se revelando por meio da história deste povo e, por fim, o mesmo Espírito que se movia sobre as águas é o que impulsiona a Igreja a participar da Missão. Assim, Deus move as nações para a redenção e seu povo para a Missão.

Desde jovem, fui movido por Deus para trabalhar com povos muçulmanos e venho servindo pela JMM desde 2014. Nestes 12 anos de serviço, trabalhei com refugiados e imigrantes muçulmanos dentro e fora do Brasil e, mais recentemente, venho liderando o trabalho da JMM com diáspora muçulmana. A partir da minha experiência pessoal, leituras e observação, concluí que Deus está agindo através de movimentos migratórios globais para que sua glória alcance todas os povos (*panta ta ethne*).

A plataforma *People Groups* (PEOPLE GROUPS, 2025), mantida pela IMB, aponta que existam 12.263 povos¹ no mundo, dos quais 7.324 são Povos Não Alcançados² (PNA) e 3.118 são Povos Não Engajados³ (PNE), o que totaliza cerca de 3,9 bilhões de pessoas. Dentre este montante, há cerca de 2.214 povos muçulmanos não alcançados (aproximadamente 1,93 bilhão de pessoas). Ou seja, povos muçulmanos correspondem a 30% dos PNA do mundo, contra 24% dos hindus (segundo maior grupo de PNA). Este é nosso maior desafio missionário – como alcançar estes povos e com fé trabalhar pela visão de Ap 7.9? Muitas pessoas ainda estão de fora deste culto cósmico!

O empreendimento missionário da igreja para superar tal desafio vem se provando muito custoso, tanto financeira quanto pessoalmente, porém tem-se observado que é mais viável alcança-los em países menos restritivos, para onde eles têm migrado, assim valendo-se da dinâmica migratória destes povos. Por isso, a Missiologia da Diáspora (MD), tornou-se relevante para o planejamento do esforço missionário para se alcançar os povos muçulmanos.

Embora a migração exista desde que Adão teve que sair do Paraíso, este fenômeno não ficou restrito aos tempos passados. Dados consolidados recentemente publicados no relatório anual para o ano de 2024 da IOM (2025, p. 22), mostra que o número de imigrantes mais que

¹ Para o *People Groups*, povo é um grupo de pessoas que compartilham a mesma identidade étnica e mesma língua.

² É considerado não alcançado o povo que possua menos de 2% da população em cristãos evangélicos nativos e não haja iniciativas missionárias externas de movimentos de plantação de igrejas.

³ É considerado não engajado um grupo de pessoas com menos de 2% de evangélicos, entre os quais não há comunidade nativa de cristãos evangélicos, nem igreja externa ou grupo missionário implementando uma estratégia de plantação de igrejas.

triplicou entre 1970 e 2020, chegando a cerca de 281 milhões de pessoas (correspondendo a 3,6% da população mundial). Já, ACNUR (UNHCR, 2024) contabilizou quase 32 milhões de refugiados, em 2024, ou seja aproximadamente 11% da população imigrante é composta por refugiados.

Analisando o plano tabular de dados do OBMigra (2024), destaco que o governo brasileiro concedeu 3.655 vistos a afegãos e outros 3.018 vistos a iranianos, entre os anos de 2021 e 2023. Apenas em 2024 foram concedidos 418 vistos de refúgio a pessoas oriundas de países islâmicos, como Sudão, Síria, Afeganistão, Irã e Paquistão, entre outros. Também destaco que, ao cruzar os dados desta mesma base, 63% dos migrantes destes países procuram se assentar na cidade de São Paulo.

Olhando para estes dados, fica evidente que os fenômenos migratórios são extremamente relevantes ao nosso trabalho missionário, especificamente no caso dos muçulmanos, que emigram de seus países para Europa e Américas, por diferentes motivos. O Brasil, país de dimensões continentais e de diversas oportunidades, ainda é relevante no mapa migratório global, especialmente para a diáspora muçulmana. Nas palavras de Michel Pocock (POCOCK, 2023 p. 9) “Parece que Deus está orquestrando a migração global com o objetivo de abençoar a humanidade”. O Logos divino que encarnou e se moveu da eternidade para nos revelar a glória do Pai, é (na Trindade) o Deus que “encontra indivíduos e nações no meio de suas jornadas” (idem).

Portanto, torna-se relevante falarmos do tema da Missiologia da Diáspora aplicada à diáspora muçulmana na capital paulista, já que a igreja paulistana (por extensão a brasileira), consciente de seu papel na Missão, deve saber se posicionar e responder a este ministério eficazmente. Com isso, quais estratégias a igreja local pode usar para abordar a comunidade muçulmana diaspórica?

Partindo-se do tema proposto e buscando solucionar o problema enunciado, fixou-se as seguintes hipóteses de trabalho:

- i. **Hipótese 1:** a comunidade imigrante nascente, se fixará onde houver maior acesso a recurso e melhores perspectivas (atração) para ela; e
- ii. **Hipótese 2:** uma comunidade cristã diaspórica étnica, apoiada pela igreja paulistana, poderá ser efetiva no ministério às pessoas em movimento, servindo de porto seguro e referencial à diáspora.

Tendo isto em vista, este trabalho objetiva propor práticas missionárias efetivas para a igreja que deseje ministrar à diáspora muçulmana e mais especificamente:

- i. Apresentar o conceito de Missão, segundo Christopher Wright, relacionando com a MD;
- ii. Discutir o panorama da diáspora muçulmana global e localmente; e
- iii. Elaborar uma proposta missionária de abordagem, baseada nas oportunidades de ministério à e com a diáspora muçulmana.

A presente pesquisa se referencia teoricamente nos conceitos de *missio Dei*, decorrentes da “hermenêutica missional” desenvolvidos pelo autor Christopher Wright em sua obra *A Missão de Deus* e segue para, então, apresentar as implicações destes conceitos por meio dos seguintes trabalhos que discutem os aspectos práticos sobre diásporas: *Pessoas em Deslocamento Forçado*, *Scattered and Gathered* e *Diaspora Missiology*. Estas obras são apresentadas a seguir.

A Missão de Deus. Christopher J. H. Wright é um teólogo e missiólogo britânico amplamente reconhecido por sua contribuição à teologia bíblica da missão. Doutor em Antigo Testamento pela Universidade de Cambridge, atuou como missionário na Índia e posteriormente como diretor internacional do *Langham Partnership*, ministério fundado por John Stott para a formação de líderes cristãos. Sua experiência acadêmica e pastoral o levou a integrar erudição bíblica e compromisso missionário, tornando-se uma voz de referência no movimento missionário contemporâneo.

Em *A Missão de Deus*, Wright propõe uma leitura abrangente da Bíblia a partir da perspectiva da missão divina, objetivando que o leitor compreenda que a missão da igreja é, antes de tudo, a participação no propósito redentor de Deus. Wright aborda a missão no contexto do evangelho e da igreja, enfatizando o papel do povo de Deus como agente de bênção às nações. Por fim, ele apresenta implicações para a prática missionária contemporânea, relacionando teologia, ética e engajamento social, definindo um “modelo holístico” de missões, que é útil para se planejar ações missionárias aos povos em diáspora.

Pessoas em Deslocamento forçado. Este é um documento que traz o posicionamento do grupo para Diásporas do movimento de Lausanne. Tendo sido primeiramente publicado em 2024 no *Diasporas Issue Network of the Lausanne Movement* (também conhecido como *Paper 78*), o documento aborda diversas questões que vão desde o contexto sociais, culturais e religiosas da atualidade, que tem interface com o tema de deslocamento forçado. De modo

breve, mas contundente, são discutidos o histórico do crescimento de movimentos migratórios na atualidade e seus impactos na globalização e nas sociedades. Então, os autores propõem uma rota para o futuro, onde conclamam igrejas e cristãos a se envolverem com o ministério diaspórico de modo efetivo, apontando frentes ministeriais. Os autores também apresentam sua teologia da diáspora, abordando temas como: hospitalidade, Trindade, paz e *missio Dei* em relação às diásporas.

Scattered and Gathered: a global compendium of diaspora missiology. Esta obra é uma coletânea colaborativa entre diversos autores das áreas de missiologia e teologia da missão, que tratam especificamente de temas ligados à Missiologia da Diáspora. Os organizadores são o Dr. Sadiri Joy Tira e o Dr. Tetsunao Yamamori. A obra é relevante para a pesquisa, porque trata da igreja em missão para alcançar a diásporas, abordando temas ligados à contextualização e espiritualidade e apresenta estudos de caso de trabalhos com igrejas diaspóricas em diversos contextos mundiais.

Sadiri foi o Associado Sênior/Catalisador para Diásporas do Movimento de Lausanne de 2007 a 2019. Ele continua atuando como Especialista em Missiologia da Diáspora no Jaffray Centre for Global Initiatives da Ambrose University and Seminary (AUS), em Calgary, Alberta, Canadá. Tetsunao é Pesquisador Sênior do Centro de Religião e Cultura Cívica da Universidade do Sul da Califórnia. Também é Presidente Emérito da Food for the Hungry International e foi Diretor Internacional do Comitê de Lausanne para Evangelização Mundial de 2004 a 2006, permanecendo ativo como seu Conselheiro Sênior.

Diaspora Missiology: Reflections on Reaching the Scattered Peoples of the World. Dr. Enoch Wan é professor de Estudos Interculturais e diretor dos programas de Doutorado em Educação e Doutorado em Estudos Interculturais no *Western Seminary*, em Portland, Oregon, EUA. Enoch Wan é amplamente creditado por estabelecer a "missiologia da diáspora" como uma disciplina formal. Já, o Dr. Michel Pocock é um missiólogo e educador cristão norte-americano, amplamente reconhecido por suas contribuições ao estudo da missiologia da diáspora e das dinâmicas interculturais no contexto missionário contemporâneo.

Pocock e Wan atuam como organizadores e editores desta obra, também contribuindo com artigos. Similarmente à obra anterior, esta se organiza em seis seções diferente e aborda o tema da MD desde suas questões teológicas, fenomenológicas e missiológica, passando por estudos de caso. É uma obra densa que busca casar teoria e prática.

No tocante à metodologia, esta pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e fundamentação bibliográfica, pois aborda um problema de natureza prática, oriundo de uma lacuna no ministério da igreja paulistana à diáspora muçulmana. Conforme Lakatos e Marconi (2003, p. 105), uma abordagem hipotético-dedutiva é adequada a esta pesquisa, pois este trabalho parte das hipóteses formuladas em função do problema, buscando ampliar os conhecimentos sobre o objeto de estudo.

Opta-se por uma abordagem qualitativa, pois ela se debruça nos fundamentos epistemológicos do fenômeno (SEVERINO, 2013) e é movida pela necessidade de compreender, em profundidade, os conceitos, desafios e oportunidades relacionados à missão cristã no contexto da diáspora muçulmana em São Paulo, por meio de uma análise crítica e interpretativa da literatura especializada.

Apesar de a diáspora de povos não ser um fenômeno recente, a MD é uma formulação missiológica relativamente nova, que ainda tem pouca força acadêmica no Brasil. Isto se deve, em parte, ao aumento significativo e recente de movimentos migratórios no mundo. Segundo dados do relatório anual da OIM (OIM, 2025, p. 25), entre os anos de 2000 e 2024 houve um aumento de 87% da população migrante no mundo, passando de 150 milhões, para 281 milhões. Hoje, estima-se que 3,6% da população mundial é migrante, contra 2,8% em 2020 (idem). Desse modo, deve-se partir de experiências e bases teóricas já apresentadas na academia, portanto é adotado o procedimento de pesquisa documental e bibliográfico.

Tal abordagem exploratória da bibliografia objetiva construir uma base teórica fundamentada em conceitos e experiências do ministério à, *com e por meio* da diáspora em contextos internacionais. Tal exploração envolverá a coleta, leitura e análise de obras relevantes nas áreas de missiologia, estudos da diáspora, teologia da missão e dados estatísticos, presentes em livros, artigos científicos e relatórios produzidos por órgãos e instituições como a ONU, OIM, ACNUR, a base de dados do OBMigra e do People Groups.

Antônio Severino (2013) aponta que tal tipo de pesquisa se estrutura a partir da literatura existente e trabalhos acadêmicos anteriores, diferentemente das abordagens experimental, de campo e estudos de caso, que abordam o objeto de pesquisa por um viés mais indutivo e qualitativo. Como é uma impossibilidade local (por causa de prazo e disponibilidades de estudos *in loco*) fazer aferições e observações diretas, optou-se pelo estudo documental, ou monográfico. Do mesmo modo, Lakatos e Marconi (2003) afirmam que enquanto a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador examinar o tema sob novos enfoques e abordagens, que

propiciam a inovação, a pesquisa documental propicia a coleta de dados relevantes para descrever o fenômeno estudado.

Assim, o levantamento bibliográfico tem por finalidade identificar os principais fatores relevantes para o ministério transcultural com muçulmanos e propor estratégias para o engajamento da igreja local.

Reconhece-se, contudo, que a presente pesquisa apresenta algumas limitações. Por tratar-se de um estudo **essencialmente bibliográfico e documental**, não foram realizadas entrevistas, observações ou levantamentos de campo que possibilitassem aferir, de maneira empírica, a realidade da diáspora muçulmana em São Paulo. Assim, as hipóteses levantadas — como a efetividade de igrejas locais no ministério entre muçulmanos — são discutidas à luz de literatura especializada e dados estatísticos de órgãos internacionais, mas carecem de comprovação direta no contexto local. Soma-se a isso a relativa **novidade da Missiologia da Diáspora** no meio acadêmico brasileiro, o que restringe a disponibilidade de estudos nacionais e obriga o diálogo com autores e experiências majoritariamente estrangeiras.

DEFINIÇÕES E CONCEITOS

Antes de prosseguir com o desenvolvimento deste tema, faz-se necessário apresentar algumas definições a priori. Como a MD lida com temas das migrações, é importante esclarecer os temas relacionados ao assunto, pois há interpretações equivocadas sobre os mesmos.

Migração e migrante. Segundo a OIM, este pode ser um termo guarda-chuva para designar qualquer pessoa que “se move de seu lugar habitual de residência, já dentro de um país, ou através de fronteiras internacionais” (IOM, 2025, p.20). Portanto, não se leva em conta a entrada ou saída de alguém de um território, se é um movimento internacionalizado e nem a temporalidade do mesmo (se é definitivo ou não), apenas se considera a pessoa em movimento ou que realize movimento.

Imigração e emigração. Os prefixos e- e i- indicam a direção do movimento em função ao país de onde se sai ou se entra: emigrante é aquele que deixa seu país; e imigrante é aquele que entra em outro país. A Lei de Migração (Lei nº 13.445/2017), no art. 1º, § 1º, incisos II e III estabelece estas distinções entre outras, mas as coloca todas sob o termo “migrante”. Entretanto há clara distinção entre imigrante e refugiado, que está abrigado debaixo de aparato legal específico.

Refúgio e asilo. Asilo e refúgio são formas de proteção internacional para pessoas perseguidas, mas diferem no embasamento legal e caráter: o Asilo é um ato político/discrecional do Estado (foco individual), enquanto que o Refúgio é uma obrigação humanitária internacional (foco coletivo ou individual) baseada em perseguição por raça, religião, nacionalidade, grupo social, opinião política ou violação generalizada de direitos.

No Brasil, o Estatuto dos Refugiados (Lei nº 9.474/1997), alinhado à Convenção de Genebra de 1951, define o refugiado como aquele que foge de perseguição ou de “grave e generalizada violação de direitos humanos” (art. 1º) e institui o CONARE para processar os pedidos e promover cooperação institucional. A proteção estende-se aos familiares dependentes (art. 2º), enquanto são excluídos indivíduos envolvidos em crimes graves ou “culpados de atos contrários aos fins e princípios das Nações Unidas” (art. 3º). A lei assegura igualdade de direitos, incluindo documentação, trabalho e viagem (art.s 4º–6º).

Assim, a condição de refugiado apenas pode ser concedida a estrangeiros e suas famílias que sejam vítimas em fuga por causa de condições extremas de violência e perseguição em seus próprios países. Portanto, conceder refúgio é o reconhecimento do governo da fragilidade e vulnerabilidade de alguém que não optou por emigrar, mas o fez por extrema necessidade a um altíssimo custo pessoal.

Transacionais e expatriados (*expats*). Conforme o *Paper 70* (GEORGE, 2025, p. 13-14), estes termos se aplicam a pessoas que optaram por viver fora de seus países de origem, geralmente por motivos profissionais, comerciais ou de negócios. Os expatriados emigram por razões profissionais, podendo ser empregados de multinacionais, oficiais diplomatas, membros de missão estrangeira etc. Já os transacionais são pessoas que “pertencem a duas ou mais sociedades, muitas vezes possuindo muitas cidadanias” (idem, p. 13) e por isso transitam por diferentes países, podendo ter moradia em diversos locais.

Diáspora. Esta é uma palavra de origem grega (διασπορά), que significa dispersão e está presente no AT (Septuaginta) e no NT e é associada à migração. Inicialmente foi empregado para a dispersão dos judeus durante a conquista babilônica, mas posteriormente também passou a se referir aos cristãos que migraram por causa de perseguições (Dt 30.4; Jo 7.35; At 8.1; 1Pe 1.1; Tg 1.1 etc). Atualmente, o termo é aplicado para descrever a dispersão de grupos étnicos (nacionais ou linguísticos) pelo mundo, i.e., diáspora persa, diáspora brasileira, diáspora africana, diáspora muçulmana, diáspora italiana etc.

Cada grupo de pessoas em movimento está se deslocando por diferentes motivações e entender tais motivações ajudará a igreja local a desenvolver respostas adequadas e eficazes. Assim, para efeitos desta pesquisa, será considerada a definição apresentada no *Paper 70* de Lausanne (Idem, p. 16):

Hoje, o termo diáspora se aplica a qualquer população que seja desterritorializada ou transacional, originada em uma terra diferente da atual e cujas redes sociais, econômicas e políticas ultrapassam fronteiras nacionais, ou se estendem pelo globo.

Com este enfoque pretende-se distinguir os grupos diaspóricos apenas pela afinidade cultural (levando em conta a religião) e linguística, para que as motivações e enquadramento legal de cada um seja um guia para a definição de abordagens. Isto será melhor elaborado nos próximos capítulos.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Esta pesquisa está organizada em três capítulos e seguirá a ordem lógica de discussão conceitual e aplicações, apresentação de dados para a descrição da diáspora muçulmana em São Paulo, e a proposta de ações missionárias embasadas por estes conceitos e dados. A organização dos capítulos segue esta ordem:

- Capítulo 1: Definição de Missão e missões partindo do trabalho de Christopher Wright e implicações para o trabalho missionário entre diásporas, a partir da MD e Motus Dei;
- Capítulo 2: A diáspora muçulmana. Descrição dos povos, tamanhos e geografias desta diáspora, dando ênfase para sua presença em São Paulo; e
- Capítulo 3: Propostas de ações missionárias para o ministério da igreja local entre a diáspora muçulmana, considerando seu perfil e particularidades culturais e fundamentos já apresentados.

Por isso, partir da experiência ministerial do pesquisador, o entendimento bíblico do agir de Deus por meio dos movimentos migratórios e da leitura de nossa atualidade por meio de dados estatísticos, evidencia-se que o tema da diáspora muçulmana seja de grande relevância para nossas estratégias missionárias atuais, pois, ao estudá-la, poderemos propor formas de ministrar a estes povos de modo efetivo.

1 MISSÃO, MISSÕES E A DIÁSPORA.

Entender e diferenciar os conceitos de Missão (*missio Dei*) e missões é importante para esta pesquisa, porque orienta a abordagem de trabalho ao balizar teologicamente os objetivos missionais do povo de Deus. Já que, ao se distinguir Missão de missões, é possível deixar claro os objetivos e papéis de Deus e de seu povo, em suas atuações neste mundo. Portanto, este capítulo se dedicará a apresentar estes conceitos, partindo do trabalho de Christopher Wright.

Wright (2014) defende a necessidade de se ter uma hermenêutica missional, ou interpretação missional da Bíblia, para compreender a “centralidade messiânica” e o “significado missional do Messias”. Seu objetivo é “desenvolver uma matriz hermenêutica para a compreensão de toda a Bíblia” (idem, p. 30).

Partindo de Lc 24.45-47, Wright (idem) chama a atenção para o fato de que “a totalidade das Escrituras (...) encontra seu foco e cumprimento tanto na vida, morte e ressurreição do messias de Israel como na missão a todas as nações, que flui deste evento”. Ou seja, para ele, as Escrituras revelam um propósito divino, que é cumprido na vida e obras de Jesus Cristo. Assim, seu desejo é construir uma base bíblica para a Missão, que não dependa exclusivamente de textos imperativos isolados, mas que seja embasada em uma teologia bíblica. Com isso, segundo ele, pode-se evitar os perigos de se criar métodos e práticas desconexas com pretensas fundamentações bíblicas (idem, p. 35).

Assim, ao se ter uma coerência hermenêutica, é possível fazer uma leitura missional, a partir de uma leitura messiânica, tal qual Jesus ensinou seus discípulos no caminho de Emaús. Com isso, Christopher Wright estabelece a ideia de limitar as práticas missionárias à Missão, ao invés de buscar validação bíblica, para qualquer ação ou estratégia missionária. Ao se estabelecer esta relação de precedência, as práticas missionárias estarão alinhadas com os propósitos de Deus, revelados em sua Palavra. Ao falar da relevância de uma hermenêutica missional, ele defende a necessidade de embasar as práticas missionárias na própria missão de Deus, ao citar o propósito libertador da Missão (idem, p. 43).

Mais uma vez, somos levados a ver o quanto é importante fundamentar nossa teologia da missão (e nossa prática dela) na missão de Deus e em nossa resposta de adoração a tudo o que Deus é e faz. Dessa perspectiva, somos defensores da causa de Deus, antes de o sermos da causa de outros.

A partir deste princípio, a Bíblia pode ser entendida como uma metanarrativa – uma grande história, composta de outras histórias menores, que apresenta uma cosmovisão (WRIGHT, 2014, p.54-55). Porque uma cosmovisão fornece as respostas existenciais e ontológicas de um povo (*quem somos, onde estamos, aonde vamos* etc.), ela é essencial para fornecer valores e princípios norteadores. Logo, uma metanarrativa bíblica, fornecerá a história da qual povo de Deus participa, que é “fundamentalmente uma descrição da realidade” e tal História tem um escritor, personagens, enredo e um final. Desse modo, esta história nada mais é que “a história da missão de Deus, por meio do povo de Deus, em envolvimento com o mundo de Deus, em prol de toda a criação de Deus” (idem, p.51)

A conclusão a que se chega é que o Deus revelado em toda a história bíblica, desde o AT até o NT, é um Deus em missão, que atua em prol de sua criação, por meio de seu povo. Logo, Javé (o Deus trino) é um Deus em missão, ou um Deus missionário.

Este mesmo Deus criador elegeu um homem e seu clã (Abraão), se revelou na história de um povo (Israel e suas tribos) e envia um povo de povos (a Igreja de Jesus Cristo) às nações, para serem suas testemunhas. Conforme Wright explica (2014, p. 57-61), a vocação do povo de Deus é transversal em relação à história e continua a mesma – “ser luz para as nações, para que no fim ‘todos juntos’ vissem a glória do SENHOR”.

Fica evidente a ponte entre NT e AT ao se alinhar textos como Is 40.5; Mt 5.13-16; Ef 2.11-3.13; Ap 7.9,10 etc. a continuidade do aspecto inclusivo da Missão e seu propósito reconciliador. Segundo o autor, (idem), a realização da promessa veterotestamentária da inclusão de todos os povos na redenção e bênção divinas gera uma “responsabilidade ética e missional na igreja e no mundo”, que seria uma “grande comunicação” que fala da revelação o propósito salvífico de Deus para todo o mundo.

Ora, se a Bíblia fala de Deus e sua Missão, então ela pertence a Deus e não a seu povo (ou igreja). Se Deus é autor da salvação e da História, logo Ele é dono da Missão. Assim, o papel da Igreja é de participar desta missão, respondendo ao vocacionamento divino.

Indo na mesma direção, David Bosch (BOSCH, 2002, p. 467-70) afirma que a Missão “parte do coração de Deus” e é um “movimento de Deus em direção ao mundo”. Com isso, a igreja não seria o foco e nem um fim da Missão e sim um agente dela, participando por meio de sua atuação missionária (missões). Na visão de Bosch, a Missão: tem origem divina e pertence ao Deus missionário; é impulsionada por Deus; é consumada por Deus; e se desenvolve por meio da ação de Deus através da Igreja de Cristo.

Compreende-se a missão, desse modo, como um movimento de Deus em direção ao mundo; a igreja é vista como um instrumento para essa missão. Existe a igreja, porque existe a missão e não vice-versa. Participar da missão é participar do movimento do amor de Deus para as pessoas, visto que Deus é a fonte de amor que envia.

Assim sendo, segundo as visões de Christopher Wright e David Bosch, pode-se inferir que a Missão de Deus é, antes de tudo, o propósito redentor de Deus de abençoar e restaurar toda a criação para si mesmo, por meio de Cristo, pelo poder do Espírito, envolvendo o seu povo como participante desse plano.

Portanto, a Missão de Deus é o seu agir cósmico, redentor e abençoador, que é manifesto dentro da História através de seu povo, com o propósito de que Ele seja conhecido e adorado por toda sua criação. Enquanto que missões (ou ações missionárias) são as ações e práticas da igreja, que contemplam estes propósitos, sendo representantes (embaixadores) do Reino de Deus e testemunhas vivas das maravilhosas obras de Deus.

1.1 OS PROPÓSITOS DA MISSÃO

Tendo já estabelecidos as definições básicas de Missão e missões, se torna necessário entender quais são os grandes objetivos, ou propósitos divinos desta Missão. Com isso, será possível traçar os parâmetros que irão embasar as propostas de ações missionárias que este trabalho se propõe.

Seguindo sua trilha da hermenêutica missional, Christopher Wright elabora uma teologia bíblica da Missão, que conecta o agir de Deus desde o Velho Testamento ao Novo Testamento, de maneira transversal, delimitando os propósitos de Deus em sua Missão, a vocação e atuação do seu povo, no mundo – Deus, povo e mundo.

O tema da redenção se faz presente em toda a Bíblia, desde a promessa do protoevangelho em Gn 3.15, passando pelas narrativas do Êxodo e do exílio, chegando aos Evangelhos, onde tudo é consumado em Cristo Jesus (Jo 19.30). Segundo Wright (2014, p.75-80) Deus deseja se fazer conhecido e manifesto a Israel, que se tornaria conhecedor da natureza e caráter deste Deus, por meio de uma aliança. Ou seja, a redenção de Israel produz um vínculo relacional.

O emprego da palavra conhecer no AT, implica em um relacionamento íntimo entre duas partes. Não se restringe a um saber cognitivo e sim a um saber que provém de um relacionamento íntimo. Ora, Deus é imanente e relacional, portanto, conhecer a Ele implica em andar com Ele. Andar com Deus é uma ideia presente na teologia do AT, que implica em viver

conforme a ética divina, experimentando dia a dia a sua sabedoria e bondade. Wright (idem, p. 74) esclarece como intenciona conectar o conhecer a Deus, com seus atos e sua autorrevelação:

Esse impulso autorrevelatório está envolvido em tudo o que Deus faz na criação, revelação, salvação e juízo. Os seres humanos, portanto, são convocados a conhecer a YHWH como Deus, e isso com base na pressuposição evidente de que eles podem conhecê-lo e de que Deus deseja, que eles, de fato, o conheçam. Esse conhecimento é confiado por Deus àqueles que tem um relacionamento de eleição e de aliança com ele, e eles precisam viver de acordo com este conhecimento.

Assim, ao libertar Israel o Egito, Deus está chamando este povo a conhecê-lo, adorá-lo e a testificarem de sua grandeza régia às outras nações. Isto deixa claro que certas ações divinas estão conectadas, para que certo propósito seja alcançado.

Para tanto, tal teologia da missão precisa tanto da bíblia inteira, quanto da igreja inteira. Esta concepção se baseia na elaboração de uma teologia bíblica, que demonstra a ética veterotestamentária como parte da Missão, entendida pela ótica do Novo Testamento. Por isso, são apresentados alguns temas principais: vocação abençoadora do povo de Deus; e missão holística.

1.1.1 Vocação abençoadora do povo de Deus no AT e no NT

Há um paralelo vocacional entre Israel e Igreja, que o herdou de Israel como povo de Deus, onde agora são incluídos todos os povos da terra (Gl 3.8,26-29). Portanto, o fator identitário deixa de ser a etnicidade e passa a ser exclusivamente o relacionamento recíproco entre Deus e um povo de povos, que foram redimidos pelo Cordeiro. Seguindo a análise de Christopher Wright sobre o tema, conclui-se que a Igreja é chamada, redimida e inserida em um relacionamento com Deus com o evidente propósito de o glorificar entre as nações (WRIGHT, 2014, p.404).

Isto é, cristãos também são aqueles que, de acordo com o Novo Testamento, foram chamados por Deus, redimidos por Deus e inseridos num relacionamento recíproco com Deus. Em todas estas esferas, a ética cristã também precisa ser vista (novamente como no Antigo Testamento) como resposta à graça divina, recebida e esperada.

Portanto, a eleição e santificação não são fatores alienantes e nem isolacionistas, antes são marcas distintivas para sinalizar a graça e virtude divinas. Este imperativo ético é claramente evidenciado na fala do apóstolo Pedro em 1Pe 2.9-12, que, aludindo Ex 19.3-6, estabelece uma relação direta entre santificação e propósito – *mostrar às pessoas como é admirável aquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz* (v9b). Christopher Wright devotou uma seção inteira de sua obra para correlacionar a ética missional de Israel com a da Igreja, partindo de uma análise de Lv 19 e Dt 4 (idem, 308-402).

O autor estabelece três esferas da hermenêutica missional no tocante à ética: eleição, redenção e aliança. Na ética da eleição, o povo de Deus é eleito para ser santo (Ef 1.4, Cl 1.9,10), ou seja, diferenciado e distinto dos demais. Quanto à ética da redenção, ele é vocacionado a testificar com sua vida e ser sal e luz (Mt 5.14-16), unindo proclamação com ação, pois “a boa conduta pode ter eficácia evangelística mesmo quando o testemunho verbal é obstruído ou desaconselhado” (idem, p. 407). Finalmente, a ética da aliança fala do relacionamento em amor expressado pela obediência a Cristo, que, analogamente a Deus em Deuteronômio, comissiona seus seguidores a ensinarem os povos a *obedecerem a todas as ordens que eu lhes dei* (Mt 28.20) e assim “a missão é um discipulado replicador, aprendido por meio da obediência ética e transmitido por meio do ensino” (idem, p. 408).

Com isso, pode-se concluir que o povo de Deus deve responder ao imperativo ético de proclamar e demonstrar a grandiosa graça e sabedoria de Deus às nações, pois ser eleito, redimido e se aliançar com Deus implica em viver em Missão. Tal imperativo ético deve ser o motivador tanto da igreja local que acolhe, quanto da igreja diaspórica espalhada pelo mundo.

1.1.2 A Missão é holística

Na concepção de Christopher Wright, a missão deve ser holística. Ou seja, ela deve abranger tanto as necessidades espirituais, quanto as terrenas, já que o pecado encerrou toda a criação em uma prisão. Para ele, a obra de Cristo é central a todo o esforço missional, pois “Qualquer teologia da missão, que afirme ser bíblica precisa ter, em seu centro, aquilo que está no próprio centro da fé bíblica – a cruz de Cristo” (WRIGHT, 2014, p. 325).

Ao se reconhecer a centralidade da cruz, a teologia da missão que seja bíblica, partirá dos seguintes pontos (idem, p. 326-7):

- i. punição do pecado, por meio da expiação vicária de Cristo, para a absolvição dos pecados e justificação por meio da fé;
- ii. derrota dos poderes do mal, atuantes diretamente na esfera espiritual (demônios) ou indiretamente na terrena (humana);
- iii. destruição da morte, pois ela é um invasor e inimigo da humanidade, por causa do pecado;
- iv. reconciliar na cruz os gentios com os judeus e todos com Deus, por meio de Cristo; e
- v. restaurar e reconciliar a criação com Deus, pois haverá novos céus e novas terras e todas as coisas (cosmos).

Fica claro que há implicações terrenas nas esferas social, econômica e ecológica para o ato redentivo de Deus. Por isso, Christopher Wright vai estabelecer um equilíbrio entre o binômio evangelização e ação social. Ele desenvolve uma argumentação em que vê as duas práticas como complementares e não excludentes (WRIGHT, 2014, p. 330), como “duas asas de um avião”.

Por isso, a questão passaria a ser de priorização. Contudo, Wright argumenta que tal linguagem deixa implícito que uma frente deve ser mais importante que outra, o que implica em uma receber mais atenção e recursos que outra (idem, 330-33). Para ele, isto produz uma distorção, pois aceitar o argumento de que “evangelismo vigoroso” é suficiente para contemplar os propósitos terrenos da Missão, implica em relegar a transformação da sociedade a se ter mais cristãos na sociedade.

Este argumento parte do pressuposto de que mais pessoas convertidas é, por si só, suficiente para que a sociedade se torne mais justa. Wright concorda com isso em parte, mas aponta para o fato de que se o discipulado não conscientizar o cristão de sua responsabilidade com o testemunho da justiça, sendo “luz e sal no mundo concreto” (idem, p. 334), haverá apenas igrejas cheias e uma sociedade injusta.

Para evitar que a igreja se torne manca, colocando seu foco em uma das frentes apenas, Wright (idem, p. 336-7), argumenta que individualmente, qualquer um é incapaz de abordar missões de maneira holística, pois cada um recebeu de Deus um dom e chamado. Segundo ele, a dedicação dos apóstolos ao ministério da palavra, não excluiu a igreja de se envolver holisticamente como um corpo, conforme o chamado que Deus deu a cada um (cf. At 6.1-4; Ef 4.10-14). Logo, para pensar em missões holisticamente, é necessário que toda a igreja se envolva e haja intencionalidade nesta forma de engajamento.

Portanto, se a Missão é holística, então ela precisa da Bíblia toda (para ser corretamente compreendida) e da igreja toda (para ser corretamente aplicada).

1.1.3 Resumindo os propósitos da Missão

Com isso, pode-se resumir os propósitos da Missão da seguinte maneira:

- i. **Propósito redentor** – é a libertação do império do mal (ou das trevas), que abrange tanto o âmbito espiritual, quanto terreno (Rm 8.20,21). Esta é a libertação do pecado e de suas prisões que se manifestam no mundo (desigualdades, injustiças, estruturas opressoras etc.);

- ii. **Propósito abençoador** – é um corolário do propósito anterior, pois a criação é redimida para ser abençoada por Deus (Gn 12.1-3). O Deus que liberta é o mesmo que abençoa e esta bênção parte do conhecimento relacional com YHWH (WRIGHT, 2014, p. 233);
- iii. **Propósito reconciliador** – Deus está reconciliando a humanidade e o mundo consigo mesmo, em Cristo e por meio da ação dos filhos de Deus (2Co 5.18-21). Ao ser reconciliada com Deus, a humanidade tem sua identidade ressignificada e seu propósito restaurado, o que implicará em ações missionárias que reflitam os propósitos da Missão de Deus no mundo; e
- iv. **Propósito doxológico** – é o objetivo último da Missão, que Javé seja reconhecido e adorado por toda a criação incluindo todas as tribos, línguas e povos (Sl 22.27,28; 86.9; Is 25.6-8; Hc 2.14; Ap 7.9 etc.). A libertação, reconciliação e bênçãos da restauração gerarão adoração ao Deus trino.

Como consequência, há um imperativo ético-missional para a igreja, que é corolário à eleição divina da igreja, sendo, portanto, inevitável. Assim, cabe à igreja entender que deve buscar ser equilibrada em sua abordagem missionária, levando em conta uma atuação holística, que tanto evangelize e discipule, quanto enfrente a injustiça.

Este assunto será retomado no capítulo 3.

1.2 A MISSIOLOGIA DA DIÁSPORA (MD)

O campo de estudo chamado de Missiologia da Diáspora (*Diaspora Missiology*, do inglês) nasceu da necessidade de se compreender como os fenômenos migratórios globais e a alteração do epicentro missional global afetavam missões no séc. XXI. Um dos pioneiros a propor esta formulação foi o Dr. Enoch Wan em 2007, no artigo intitulado “Diaspora Missiology”.

Esta abordagem missiológica é o estudo do movimento humano à luz da Bíblia levando a aplicações missionárias. Nas palavras do Dr. Wan (WAN, 2007, p. 3):

“Missiologia da Diáspora” é o estudo sistemático e acadêmico do fenômeno da diáspora no cumprimento da Missão de Deus. O termo e conceito de “missiologia da diáspora”, é o que melhor descreve a residência de pessoas em lugar diferente do de seu de origem, sem preconceitos. (Tradução deste autor).

Segundo WAN (2007) A sistematização deste campo de estudo deve ser multidisciplinar e integrativo, de diferentes campos das ciências sociais e políticas (geografia, antropologia, estudos urbanos e étnicos etc). Pois, embora a MD parta da análise de um

fenômeno local, ela considera fatores globais, que são impulsionadores e direcionadores dos movimentos humanos.

Entretanto, a proposta da MD não é de substituir a abordagem missiológica mais tradicional e sim de complementá-la, fazendo que o trabalho missionário seja holístico e dinâmico, ao invés de estático e assim considere as complexidades e fluxos dos movimentos migratórios. Desse modo, a igreja em missão deve expandir seu entendimento missiológico “como resposta à nova realidade demográfica do século XXI” (WAN, 2011, p. 142).

Com isso, o propósito da Missiologia da Diáspora é de lançar luz sobre os fenômenos migratórios a fim de se criar abordagens missionárias eficazes, a partir das novas oportunidades que surgem. Stan Downes (2023, p. 52), que atuou como missionário na África e Europa, resume bem esta ideia em seu artigo sobre parcerias com crentes em diáspora, da seguinte forma:

A missiologia da diáspora baseia-se no **desejo de compreender o que Deus está fazendo** por meio desses movimentos e de **aproveitar as oportunidades** que nos são apresentadas. (Grifo e tradução do autor).

As bases teológicas para a construção da MD parte do discurso do apóstolo Paulo no Areópago (At 17.22ss) e das narrativas migratórias encontradas no AT e no NT.

1.2.1 O discurso de Paulo no Areópago.

Analisando-se um trecho do discurso de Paulo pode-se identificar os preceitos da MD. Embora seu discurso seja de natureza evangelística e Paulo use a filosofia grega como base de contextualização, o apóstolo toca em temas da antropologia bíblica e criação, doutrina da pessoa de Deus (soberania, autossuficiência, transcendência, imanência, criador etc.) e a missão redentora, para chegar a falar do juízo e da redenção. Como Paulo foi interrompido ao falar da ressurreição dos mortos, não há como saber como ele desenvolveria os demais pontos, contudo fica claro que o apóstolo entendia que Deus também é senhor do tempo e da geografia de todos os povos (*pan ethnos*), conforme os versos 24 a 28:

²⁴ O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas; ²⁵ nem é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa, pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais.

²⁶ De um só homem fez todas as nações para habitarem sobre a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; ²⁷ para buscarem Deus se, porventura, tateando, o possam achar, ainda que não esteja longe de cada um de nós; ²⁸ pois nele vivemos e nos movemos e existimos, como alguns dos poetas de vocês disseram: "Porque dele também somos geração." (Atos 17.24-28)

Neste trecho, Paulo apresenta aos atenienses um Deus excelso e sublime, relacional e acessível, criador e sustentador de todas as coisas, que possui um propósito redentivo e deseja ser conhecido pelos povos. Pode-se, então, balizar a MD pelos seguintes pontos:

- i. todos são criados a partir de um único ser humano, então todos possuem o mesmo valor intrínseco, apesar das diferenças étnicas, culturais e linguísticas. Por isso, deve-se objetivar um modelo missional que reflita a ideia de *nós com eles*, buscando integrar, mobilizar e enviar vocacionados dentre todos os povos;
- ii. Deus é mantenedor e senhor da criação, então todos devem se submeter à Sua vontade e discernir seu agir na e através da História, para serem eficazes;
- iii. Deus é o *rei das nações*, que determina as dinâmicas de movimento e existência dos povos e nações, então é necessário seguir o mover de Deus, que se manifesta nas migrações e diásporas; e
- iv. o propósito de Deus ao mover os povos é que eles O conheçam. Ou seja, migração e salvação se conectam na história redentora de Deus.

Este texto é relevante para a Missiologia da Diáspora, porque fornece três bases bíblicas essenciais para a sua formulação teórica. Primeiramente, para se criar uma abordagem integrativa com o imigrante cristão, pois “de um só homem” derivam todas as nações o que produz uma antropologia bíblica saudável, que permitirá enxergar o imigrante como o “próximo” de Lv 19.18, onde também se lê nos vs. 33-34 a ordem de não se aproveitar dos estrangeiros, mas antes os tratar como se fossem nativos. Segundo, porque parte da humilde constatação da ação soberana de Deus como autor da História e sustentador de todas as coisas, o que nos coloca como seguidores de sua Missão e nos dá confiança em meio aos tormentos dos fenômenos sociais e econômicos relacionados às diásporas. Por fim, em terceiro lugar, o propósito missional de Deus em ser conhecido pelas nações ao usar e estabelecer as dinâmicas de espaço e tempo (“fixado os tempos” e os “limites”) de cada povo, para que se cheguem a Ele (“ainda que não esteja longe de cada um de nós”).

1.2.2 As narrativas migratórias nos Antigo e Novo Testamentos.

A construção teológica da Missiologia da Diáspora, a partir das narrativas migratórias se baseia tanto nas histórias individuais de personagens, i.e. Abraão, José, Rute, Ester e Daniel, como na história do povo israelita (e judeu). Enquanto que no NT, essa narrativa se concentra na história do crescimento da igreja no livro de Atos. A importância de se estudar o agir de Deus

por meio do movimento de seu povo é de constatar que o povo de Deus se espalha e leva consigo bênçãos e testemunho às nações.

A exemplo da trajetória migratória de Abraão, evidencia-se como o deslocamento do povo de Deus foi utilizado como instrumento de bênção para outras nações. Chamado a deixar sua terra e sua parentela, Abraão tornou-se peregrino em contextos estrangeiros, estabelecendo relações com diferentes povos do Antigo Oriente. A promessa divina vinculava diretamente sua mobilidade à expansão da bênção entre as nações, demonstrando que o movimento diaspórico possuía propósito missional e universal. Mesmo em meio às incertezas e adversidades da peregrinação, sua obediência tornou-se meio pelo qual outros povos conheceram a ação e a fidelidade de Deus (Gn 12.1-3; Hb 11.8-10).

Além das trajetórias vocacionais, como as de Abraão e Moisés, há muitas outras histórias em que as personagens foram obrigadas ou compelidas a migrarem, como resultado de violência, sobrevivência ou punição.

Por exemplo, a história de José ilustra de maneira significativa como o sofrimento e o deslocamento forçado podem resultar em preservação e bênção coletiva. Vendido como escravo e levado ao Egito, José experimentou rejeição, injustiça e prisão; contudo, sua presença naquele contexto estrangeiro tornou-se instrumento de provisão divina não apenas para sua família, mas também para inúmeros povos afetados pela fome. Sua história demonstra que a migração involuntária pode integrar os propósitos soberanos de Deus para a salvação e a preservação da vida (Gn 45.5-7; 50.20).

Por outro lado, a história de Rute fala do deslocamento por causa de sobrevivência (ou da busca por melhor condição de vida) e do potencial transformador da mobilidade humana na integração de estrangeiros ao povo de Deus. Sendo moabita, Rute migrou para Israel em meio à vulnerabilidade causada pela viuvez e pela pobreza. Contudo, sua inserção na comunidade israelita tornou-se sinal da abrangência da graça divina para além das fronteiras étnicas de Israel. Sua trajetória demonstra que a diáspora e o deslocamento podem favorecer encontros redentivos entre diferentes povos, culminando inclusive em sua inclusão na linhagem davídica e messiânica (Rt 1.16-17; Mt 1.5).

Já no NT, vê-se desde início uma história de migração – a fuga do Senhor Jesus para o Egito como resultado de perseguição política e religiosa (Mt 2.13-23). Indo para além do evidente cumprimento de profecias do AT (v15), esta história mostra a todos o lado humano da encarnação do Filho de Deus, que em tudo se relaciona com a humanidade e torna-se para ela

um perfeito mediador (Hb 4.15). Portanto, Jesus Cristo é o Deus Conosco que vivenciou as mesmas experiências dos refugiados, que podem conectar suas histórias à esta, assim partilhando da imanência divina.

Ainda falando das migrações do povo de Deus, a expansão do cristianismo deu-se por meio da diáspora, conforme registrado por Lucas no livro de Atos dos Apóstolos. A começar pela descida do Espírito Santo no capítulo 2, quando uma multidão de judeus e prosélitos da Ásia, Pérsia, Arábia (At. 2.9-11) ouviram o Evangelho e se converteram, passando pela primeira grande perseguição (At 8.1; 11.19-21), que levou à fundação da igreja em Antioquia e aos empreendimentos missionários intencionais a partir do capítulo 13.

Uma vez que a presença de judeus e prosélitos no dia de Pentecostes é fruto da diáspora judia por causa do exílio e a difusão de comunidades cristãs pelo Império Romano é fruto tanto da migração quanto do esforço missionário que soube aproveitar-se da mobilidade para a expansão do Reino, pode-se afirmar que tanto os movimentos migratórios, quanto os envios missionários da igreja foram usados por Deus para que o Evangelho se espalhasse.

Desse modo, Deus usa o movimento de seu povo para abençoar as nações e se fazer conhecido entre elas (At 17.26,27), por meio do testemunho e ação do seu povo. O apóstolo Paulo faz alusão ao profeta Jeremias (Jr 29.7) ao instruir Timóteo que levasse a igreja a buscar o bem da cidade onde estivessem vivendo (1Tm 2.1-2), o que demonstra qual deve ser a postura da diáspora cristã pelo mundo ao obedecer ao mandamento do Senhor de ser sal e luz (Mt 5.13-16).

Javé é o Deus vivo e por isso, está em movimento e move seu povo. O Conceito de *Motus Dei* relaciona a natureza dinâmica da trindade com a missão móvel de seu povo, como se explica a seguir.

1.3 TEOLOGIA DO MOVIMENTO – MOTUS DEI

O conceito de *Motus Dei* é primeiramente apresentado pelo Dr. Sam George e pelo Dr. Harold Godfrey (Diretor do Seminário Batista em Cidade do Cabo, África do Sul) no *Pharos Journal of Theology* em 2021. Neste artigo, os autores introduzem e desenvolvem o conceito de *Motus Dei*, argumentando que o Deus da Bíblia está em constante movimento e convida seus seguidores a acompanhá-lo para ver o que Ele está fazendo no mundo.

Os autores desenvolvem sua proposta a partir da doutrina de Deus — sua ação na criação, revelação e redenção — articulada a uma antropologia marcada pela migração

(GEORGE; GODFREY, 2021, p. 3), argumentando que, por ser vivo, Deus está em constante movimento (idem, p. 1), o que se expressa na dinâmica trinitária, na kenosis e na obra salvífica. Esse dinamismo divino se reflete tanto na humanidade, “criada para se mover” (idem, p. 4), quanto na igreja, cuja essência carrega o impulso migratório de uma “religião transportável” (idem, p. 7). Assim, a salvação é compreendida como fruto do movimento de Deus em direção à humanidade, que responde deslocando-se das trevas para a luz pela fé em Cristo; consequentemente, a identidade cristã é a de um peregrino sem “morada fixa na terra”, que vive sua fé de forma não condicionada à geografia, como alguém em constante deslocamento rumo à cidade cujo fundamento é Deus (idem, p. 7).

Pensar em termos de movimento permite que se aproveite novas oportunidades de disseminação do Evangelho a partir de comunidades cristãs diaspóricas inseridas em movimentos migratórios mundiais. Disto decorre que pensar dinamicamente significa ter uma “mentalidade de tabernáculo” ao invés de “mentalidade de templo” – a manifestação da presença e do agir de Deus acompanham seu povo em todo o tempo e por toda geografia em uma missão reconciliatória e abençoadora, pois “eis que estou com vocês todos os dias” (Mt 28.20b).

1.4 DIÁSPORAS COMO UM MODO DE PENSAR MISSÕES

A resposta da igreja local ao desafio das diásporas deve ser holística, contextual e dinâmica. Tal resposta desafia a igreja a pensar em outros termos, que complementem a abordagem tradicional. George e Godfrey (2021, p. 8) concatenam as ideias da *Missio Dei* e da Missiologia da Diáspora na seguinte afirmação:

(...) a missão não era mais vista como uma atividade da igreja, mas como um atributo de Deus **derivado da própria natureza de Deus** e enquadrado no contexto da doutrina da Trindade, não baseado em eclesiologia ou soteriologia. A missão é vista como um **movimento de Deus para o mundo, e a igreja é vista como um instrumento** dessa missão. Tal movimento não se limita a um incidente ou época em particular, mas Deus está **continuamente se movendo** em direção ao mundo e à sua criação para recriá-lo e estabelecer o seu reino. (Tradução e grifos do autor).

O dinamismo é essencial para o pensamento diaspórico, pois Deus continua se movendo em direção ao mundo (por meio da Igreja) e move o mundo em sua direção, para que as nações o conheçam (At 17.27). A presença de comunidades de diáspora vindas de países islâmicos abre novas oportunidades de ministração e proclamação do Evangelho, pois se a natureza divina é cinética, a igreja, como instrumento divino, deve ir ao encontro dos imigrantes. Tal encontro

deve ser pensado em termos holísticos e não estanques – não se pode separar proclamação de serviço; nem evangelização de discipulado; e nem discipulado de vocacionamento.

Ao falar de migração, Wan (2007) demonstra as diferentes possibilidades, no tocante à motivação (forçado ou voluntário) e orientação (saída, repatriamento, reassentamento) e temporalidade (temporário ou definitivo). Por causa de tantas variáveis é que a MD propõe um enfoque alternativo ao do paradigma missionário tradicional, que considere a “realidade contemporânea de comunidades multiculturais em vários países” (SYDNOR, 2025, p. 46). Uma comparação vis-à-vis, feita pelo Dr. Wan, entre os dois modelos é apresentada no Quadro 1:

Quadro 1: Comparação entre as missiologias tradicional e da diáspora

Aspectos		Missiologia Tradicional	Missiologia da Diáspora
1	Foco	Polarizado e dicotomizado: – Grande comissão x Grande mandamento – Salvar a alma x Evangelho Social – Plantação de igreja x Caridade cristã – Paternalismo x indigenização	– Cristianismo holístico com forte integração entre evangelização e caridade. – Contextualização.
2	Conceitos	Territorial: – Aqui x Lá; – Local x Global Linear: Enviar x Receber; Assimilar x Amalgamar; Especialização.	– Sem território definido – “Glocal”: global e local – Mutualidade e reciprocidade – Híbrido – Interdisciplinar
3	Perspectiva	– Dividida geopoliticamente: Missões estrangeiras x Local/Urbana x Rural – Limites geopolíticos: estado e nação – Compartimentalização disciplinar: teologia da missão x estratégias missionárias	– Não espacial (sem geografia) – Sem fronteiras ou limites – Abordagem integrada e interdisciplinar
4	Paradigma	AT: missões = gentios/prosélitos → vir NT: missões = grande comissão → ir Missões modernas ⁴ : E-1, E-2 ou M-1, M-2, etc.	Nova realidade do séc. 21: ver e seguir como Deus providencialmente move os povos espacial e espiritualmente; Alvos móveis e se mover com os alvos.

Fonte: Adaptado de WAN, 2007, p. 6.

Quando o “lá” torna-se “cá” e traz consigo as complexidades do trabalho transcultural com os desafios do acolhimento e hospitalidade que imigrantes enfrentam, então é preciso ir além do pensamento de missões locais e fundir abordagens comuns aos distantes campos missionários dos confins da terra para a realidade da igreja local, que passa a ter comunidades estrangeiras em suas vizinhanças. Portanto, o envio de missionários não se trata de mandar

⁴ As escalas E (evangelização) e M (missões) medem os esforços de evangelização e missões levando em conta o distanciamento cultural entre o missionário/evangelista e a cultura do público alvo.

alguém para longe, mas para perto, para trabalhar transcultural e holisticamente em um contexto de proximidade.

Desse modo, pensar missões de forma diaspórica deve levar em conta: a diáspora como alvo e meio de ação; as forças motrizes do movimento; e a temporalidade.

1.4.1 Pensando em diáspora como alvo, parceria e meio – as preposições “a”, “por”, “com e além”.

Ministrar entre diásporas significa lidar com “toda pessoa fora do Reino, em todos os lugares” (WAN, 2011, p.184), ao mesmo tempo em que se lida com discípulos de Cristo em todos os lugares também.

Assim, Dr. Wan (idem, 184-89) sistematiza a abordagem ministerial diaspórica em função do potencial de parceria com essas pessoas. Portanto, é imperativo ter uma abordagem relacional que leve em conta a alteridade. Assim, o autor divide os esforços do seguinte modo:

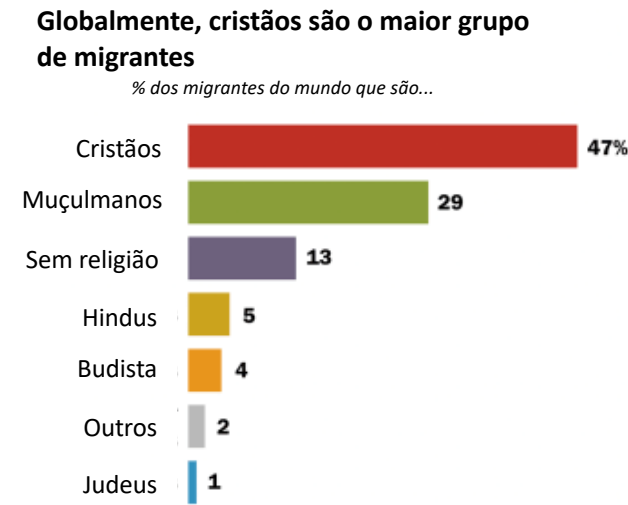
- i. **Missões à diáspora:** ministério transcultural, partindo da igreja local nativa para a comunidade imigrante. Aqui, barreiras linguísticas e culturais devem ser consideradas e transpostas. Tanto cristãos quanto não cristãos são alvo de ações ministeriais, quer sejam sociais ou de evangelização e discipulado. Por exemplo, uma organização cristã que acolhe e integra refugiados no Brasil;
- ii. **Missões por diáspora:** construção de redes de apoio e comunhão entre a igreja local e cristãos da diáspora, que serão pontes e os responsáveis de alcançarem seus pares. Aqui, o imigrante cristão faz parte do esforço missionário de uma igreja e/ou organização, trabalhando em parceria como um nativo. Por exemplo, uma igreja que oferece aulas de português usando professores imigrantes; e
- iii. **Missões com e além a diáspora:** igrejas diaspóricas são agentes ativos do Reino na sociedade hospedeira. Aqui, as igrejas étnicas não se mantêm em guetos, mas ministra ao povo local e a outros grupos de afinidade cultural. Por exemplo, paquistaneses cristãos em Nairobi que servem a igreja local, enquanto ministram à diáspora afegã.

Pensar nestes termos faz com que novas oportunidades de disseminação do Evangelho ocorram a partir de comunidades cristãs diaspóricas inseridas em movimentos migratórios mundiais. Conforme o *Motus Dei*, porque Deus está em movimento com seu povo, a obra missionária pode ser alavancada ao se aproveitar das dinâmicas migratórias (GEORGE; GODFREY, 2021, p. 3):

Foi a **mobilidade** de seus seguidores que levou os primeiros cristãos às margens do Império Romano, devido à **perseguição religiosa e às condições socioeconômicas** decorrentes da *Pax Romana* que **disseminaram o cristianismo** por toda a orla do Mediterrâneo e além. (...) **Os cristãos são pessoas móveis**, pois se desvinculam das amarras geográficas, socioculturais, fiscais e políticas de uma localidade específica. (Grifo e tradução do autor).

A título de ilustração, Kramer e Tong (2024) publicaram um relatório no *Pew Research Center* que traça o perfil religioso de migrantes mundialmente. As autoras tratam o fenômeno de modo global e discriminadamente por religião, como apresentado no Gráfico 1:

Gráfico 1: Composição religiosa dos migrantes mundialmente.



Fonte: Adaptado de Kramer e Tong, 2024.

Ainda que a pesquisa não discrimine a população cristão por seus ramos e denominações, fica evidente que quase um a cada dois imigrantes no mundo é cristão. Isto ilustra o carácter móvel e dinâmico do cristianismo, que, apesar de enfrentar resistência e perseguição desde o seu berço, expande-se e cresce em meio às adversidades, como abordado na seção 1.2.2.

Portanto, a dispersão cristã entre as diásporas de seus povos são uma força missionária latente, que deveria ser considerada e mobilizada às missões, conforme seus chamados e vocações. Estes potenciais missionários são nativos, já inseridos em suas comunidades e já alocados geograficamente, o que muito contribui para a redução dos custos (financeiros e pessoais) do empreendimento missionário transcultural (WAN, 2011, p. 186).

Stan Downes (2023, p. 53) concorda com este argumento ao destacar este potencial para expansão do Evangelho entre PNA's em diáspora:

Acredito que os crentes e as igrejas da diáspora podem e devem ser uma força importante nas missões mundiais, alcançando não apenas as populações entre as quais

vivem, mas também outros grupos de imigrantes na mesma localidade. (Tradução do autor).

1.4.2 Pensando holisticamente em meios de servir e alcançar

Ao falar da diáspora muçulmana, Hausfeld e Fletcher (2023) falam sobre a dinâmica migratória muçulmana que faz parte da origem e história de sua religião e apontam para o aumento drástico de pessoas em movimento no séc. XXI. Para eles, há impulsos de atração e repulsão que são “impostos externamente ou motivados internamente” devido “às opções que as pessoas têm em suas respectivas situações.” (idem, p. 53). Tais forças são resumidas no Quadro 2:

Quadro 2: Forças de repulsão e atração no movimento migratório

REPULSÃO	ATRAÇÃO
Guerra, perseguição política e abuso de poder, riscos de vida, exploração de mulheres e crianças, e tráfico humano	Liberdade política e igualdade, segurança, igualdade de gênero, melhores oportunidades, urbanização.
Desastres naturais	Qualidade de vida
Desastres causados pelo homem: acidentes, poluição, isolamento social, estresse psicológico.	Alívio e oportunidade. “Sonho americano”
Crescimento da pobreza mundial em contraste à riqueza/saúde em países de destino.	Exposição midiática de “grama mais verde” em outro lugar.
Obrigação de melhorar o estado do grupo que é deixado, ou seja, família ou comunidade.	Testemunhos de sucesso e convites de amigos e familiares no estrangeiro.

Fonte: Adaptado de Hausfeld e Fletcher, 2023, p. 53.

Considerar os anseios e as peculiaridades da vida do imigrante requer empatia e sensibilidade por parte dos cristãos, que devem reconhecer nele a mesma dignidade que possuem (Lv 19.18b,33-34). Hausfeld e Fletcher (idem, p. 30) descrevem a realidade de muitos imigrantes, frequentemente em situação irregular, submetidos a longas jornadas de trabalho, baixos custos de vida, riscos de deportação e isolamento social — especialmente entre famílias muçulmanas. Tal contexto impõe desafios significativos às abordagens rígidas e tradicionais, estruturadas em programas fixos ou na separação entre proclamação e serviço.

Em contraste, uma perspectiva diaspórica exige parcerias com cristãos imigrantes que acompanham essas comunidades, atuando como pontes para um ministério mais efetivo, desde que devidamente apoiados. Isso implica adaptar encontros e cultos a contextos flexíveis, coragem para anunciar o evangelho em ambientes de risco e o desenvolvimento de modelos de

discipulado bíblicos, simples, reproduzíveis e integrados à mobilidade dessas populações (idem, p. 33).

Nesse sentido, o ministério holístico responde a tais demandas ao posicionar a igreja como serva, à semelhança daquele que lava os pés do próximo (Mc 10.44-45; Jo 13.12-17), e como quem se dispõe a socorrer o necessitado em seu caminho (Lc 10.25-37). Horn e Melki (2020) exemplificam esse potencial ao relatar o acolhimento de refugiados sírios no Líbano, contexto marcado por tensões históricas. O serviço prestado não apenas atendeu às necessidades dos refugiados, mas também transformou a própria igreja libanesa.

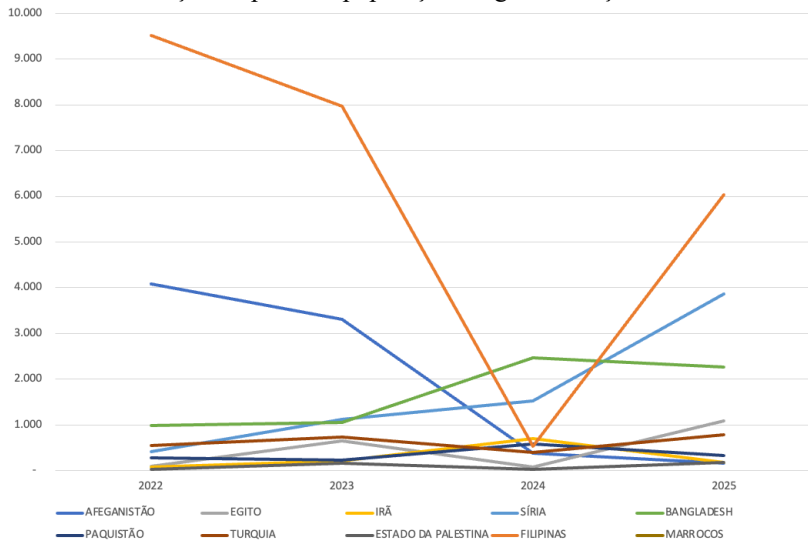
Como expressão do chamado bíblico para defender o oprimido (Is 1.17), o ministério holístico manifesta a presença de Cristo ao promover cura e reconciliação, criando bases para relacionamentos restaurados (HORN; MELKI, 2020, Loc. 12902). Ao atender dimensões físicas, psicológicas e sociais, a igreja contribui para processos de recuperação que impactam tanto refugiados quanto comunidades locais (idem, Loc. 12924), resultando na cura de feridas e na superação de preconceitos (idem, Loc. 12946). Assim, os refugiados são conduzidos a Cristo por meio de um caminho de reconciliação integral.

Dessa forma, considerar as dinâmicas da diáspora, bem como seus anseios e desafios, abre espaço para a ação concreta de Deus em relações transformadoras, gerando frutos tanto para quem serve quanto para quem é servido.

1.4.3 Pensando na mobilidade – janelas temporais e corredores migratórios.

Abordar as diásporas requer dinamismo e mobilidade, porque uma comunidade pode se formar e se extinguir em função do surgimento de novas oportunidades originadas nos fatores de atração e repulsão. Com frequência, imigrantes estão buscando melhores oportunidades para melhoria de vida e podem se instalar temporariamente em uma localidade. Portanto, como dito no Quadro 1, são necessários uma perspectiva sem fronteiras e um paradigma de mobilidade (“alvos móveis”).

Para exemplificar esta mobilidade, o Gráfico 2 apresenta o balanço entre entradas e saídas de alguns povos da diáspora muçulmana no Brasil, entre os anos de 2022 e 2025. Foram selecionados alguns dos países de origem com balanço maior que 100 pessoas.

Gráfico 2: Variação de parte da população imigrante muçulmana entre 2022 e 2025.

Fonte: ObMigra, 2025. Elaborado pelo autor.

Fica evidente que a população afegã vem diminuindo significativamente, ao passo que a síria vem aumentando. Outro destaque é para os filipinos, que apresentaram um ponto de inflexão em 2024, mas retomaram o crescimento. Já, os demais mantem-se dentro da faixa dos 1.000, sem grandes variações. Há diferentes justificativas para este comportamento, que vão desde alterações nas normas de acolhimento e políticas públicas até ao aparecimento de melhores oportunidades em outros países.

No caso dos afegãos, é notório o desejo deles de emigrarem para os EUA ou Europa (particularmente França), que faz com que o Brasil seja parte de sua jornada migratória, como uma zona de espera (ou *buffer*).

As implicações da mobilidade migratória para as ações missionárias entre as diásporas demandam um “pensamento de tabernáculo”, ou seja, deve-se aplicar abordagens relacionais e replicáveis, de modo que seja possível manter o contato com os discípulos e comunidades em movimento.

2 A DIÁSPORA MUÇULMANA EM SÃO PAULO

Para se trabalhar de modo eficaz com imigrantes, é primeiro necessário conhecer o perfil demográfico e religioso destas pessoas. Com isso, é necessário acessar bases de dados nacionais e internacionais para se entender por onde determinados povos estão localizados.

Em seu artigo, Gina Zurlo⁵ (2020), realiza uma pesquisa demográfica sobre a diversidade religiosa e étnica em migrações e diásporas, com o intuito de apresentar dados quantitativos do perfil populacional e religioso dos povos em diáspora. A autora aponta que existem 485 povos em diáspora, ou 316 milhões de pessoas, dentre as quais, cerca de 50,2% são de cristãos, seguidos por 24,6% de muçulmanos (ZURLO, 2020, loc. 1873).

Zurlo (2020) menciona algumas dificuldades para se conciliar as discrepâncias entre os dados e os desafios de se consolidar os dados devido às dinâmicas migratórias de povos em movimento, conversões religiosas não contabilizadas, mudanças de status migratório e de tipos de visto etc. A autora adotou uma taxonomia de povos que leva “em consideração tanto a etnia quanto o idioma”, para depois “determinar a repartição religiosa destes povos etnolinguísticos.” (idem, loc. 1848-73). Como este trabalho se debruça sobre a diáspora muçulmana, é evidente que o fator unificador é a religião e o diversificador é a identidade etnolinguística de cada povo muçulmano.

Devido a estas complexidades e constante fluxo populacional e religioso (tanto na questão de mobilidade, quanto de conversões interreligiosas), o objetivo desta análise será o de traçar comparações entre entradas e saídas de imigrantes do território brasileiro e identificar as maiores concentrações de residentes oriundos do mundo islâmico e o perfil desta população em São Paulo, capital.

2.1 AS BASES DE DADOS UTILIZADAS E A SELEÇÃO DE DADOS.

Para esta pesquisa, foi consultada a base de dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2026). O OBMigra⁶ é um projeto de pesquisa, desenvolvimento e inovação da Universidade de Brasília, desenvolvido em parceria com o Ministério da Justiça e Segurança Pública, com o objetivo de produzir, sistematizar e divulgar conhecimento sobre os

⁵ Gina A. Zurlo é PhD em teologia pela Boston University School e editora do *World Christian Database*.

⁶ Informações estão disponíveis no website da instituição, disponível em <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/observatorio>> acesso em 5 mar. 2026.

fluxos migratórios internacionais no Brasil, subsidiando pesquisas acadêmicas e políticas públicas voltadas à migração e ao refúgio. O observatório realiza análises quantitativas e qualitativas, publica relatórios periódicos e promove a transparência e o acesso democrático a informações migratórias.

Também foram acessados os dados da plataforma *People Groups* (2025), subsidiada pela *International Mission Board* (IMB). Esta base de dados também aplica uma taxonomia etnolinguística e subcategoriza os povos conforme as suas religiões. Estes dados foram usados apenas pra se traçar um panorama global da diáspora muçulmana.

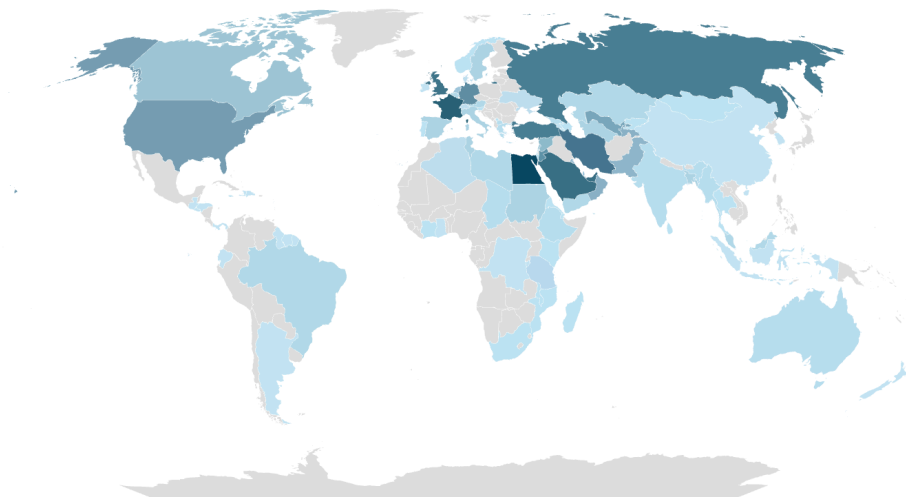
A partir destas bases de dados, os povos muçulmanos foram agrupados por grupos de afinidade, de modo que compartilhem o mesmo tronco linguístico. Assim, a diáspora muçulmana é dividida em:

- i. **Povos árabes:** falantes da língua árabe e suas variantes – sauditas, iemenitas, egípcios, sírios, palestinos etc.;
- ii. **Povos persas:** falantes de farsi e suas variantes – iranianos, afegãos, tadjiques, entre outros;
- iii. **Povos turcos:** compartilham a língua turca e mesma raiz étnica – turcos, uzbeques, cazaques, turcomenos, entre outros dos Cáucacos e Ásia Central; e
- iv. **Povos urdus:** falantes da língua urdu, que são principalmente representados por paquistaneses, mas englobam pashtuns e punjabis.

2.2 ANÁLISE DOS DADOS – POPULAÇÃO E FLUXOS.

A diáspora muçulmana tem um perfil global e se espalha por diversos países, não se restringindo apenas a países ocidentais, mas também presente em países asiáticos, africanos, latino-americanos e do Oriente Médio. Isto acontece por causa da grande diversidade de povos, que, além de refugiados, traz uma grande massa de imigrantes em busca de melhores oportunidades. O Gráfico 3 mapeia a extensão desta diáspora.

Gráfico 3: A diáspora muçulmana global



Fonte: People Groups, 2025. Elaborado pelo autor.

Nota-se que as regiões mais escuras, onde há maior concentração de pessoas, encontram-se no Oriente Médio, Europa, EUA e Rússia, seguidos por outras regiões que incluem o Brasil. Isto demonstra que há muita migração dentro do próprio mundo islâmico, além no mundo ocidental.

O perfil da diáspora muçulmana global é apresentado no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3: Agrupamento por grupo de afinidade

Povo	Pop. (milhões)	Porc. (%)
Árabe	55,5	51
Turco	19,5	18
Urdus	18,6	17
Persa	6,5	6,0
Outros	8,1	8,0
Total	108,2	100

Fonte: People Groups, 2025. Elaborado pelo autor.

A partir destes dados, conclui-se que a maior diáspora é dos povos árabes, que compõem 51% dos imigrantes, seguidos pelos turcos, que representam menos da metade do montante dos árabes, com 18% do montante. Como há grande diversidade de povos muçulmanos, cerca de 33 grupos de povos (People Groups, 2025), a porcentagem de “outros” acaba sendo elevada e até maior que a de persas. Entretanto, é relevante ressaltar a diáspora persa em virtude dos imigrantes iranianos e afegãos.

Embora o Brasil não figure entre os países com maior população imigrante muçulmana no mundo, o país vem recebendo migrantes muçulmanos de maneira consistente, quer seja como refugiados ou imigrantes – em 2025 eram 60.629 migrantes muçulmanos residentes no Brasil, dos quais 27.239 residiam no Estado de São Paulo (OBMigra, 2025). O Gráfico 4 demonstra a evolução da emissão de vistos para migrantes vindos de países islâmicos.

Gráfico 4: Emissões de visto expedidas no Brasil entre 2022 e 2025.

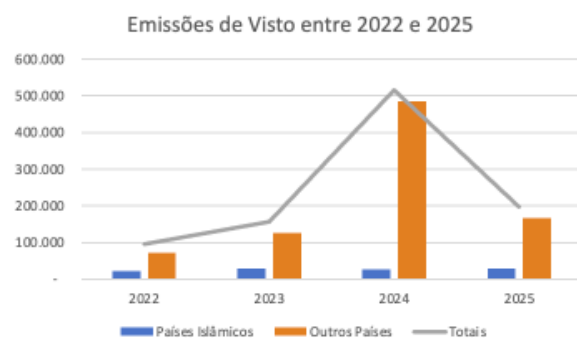


Gráfico 4a

Fonte: OBMigra, 2025. Elaborado pelo autor.



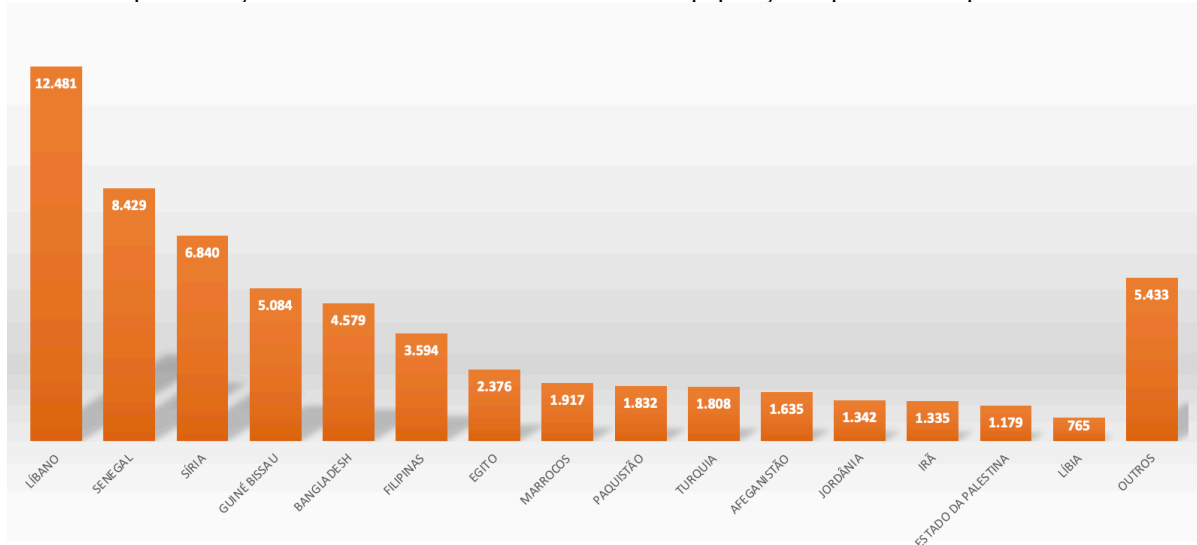
Gráfico 4b

Quando comparado com as emissões de visto totais entre os anos de 2022 e 2025, os países islâmicos não apresentam um grande peso em valor absoluto (Gráfico 4a), mas ao se analisar a evolução deste fluxo (Gráfico 4b), nota-se um crescimento de 7.372 vistos do ano de 2022 para o ano de 2025. Embora a emissão total de vistos tenha sofrido uma inflexão negativa no ano de 2024, a emissão para os países islâmicos aumentou em 1.341 vistos no mesmo período. Ou seja, migrantes de países muçulmanos tem vindo ao Brasil consistentemente, mesmo quando outros povos já não o fazem e, apesar da queda dos números totais, os de migrantes do mundo islâmico vem subindo.

É importante destacar que não há meios de se verificar objetivamente quantos cristãos estão migrando a partir destes países, a não ser que seja realizada uma pesquisa à parte com tal objetivo e, por esta razão, que o termo “muçulmano” não tem sido empregado diretamente. Todavia, não se perde a perspectiva de que cristãos são minorias nestes países.

Os países de origem dos imigrantes de países islâmicos e com residência ativa em 2025 é apresentado no Gráfico 5.

Gráfico 5: povos muçulmanos com residência ativa em 2025 e população superior a 700 pessoas.

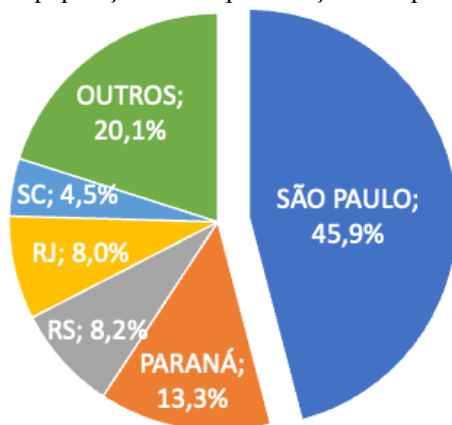


Fonte: OBMigra, 2025. Elaborado pelo autor.

Dois países árabes estão entre os cinco países com maior população – Líbano e Síria. Estes dois países acumulam cerca de 32% da população migrante. Países subsaarianos como Senegal e Guiné-Bissau somam quase 22% dos imigrantes, enquanto que asiáticos somam quase 15%. Portanto, há grande diversidade de origens, mas com expressiva presença de povos árabes.

O Estado de São Paulo é o destino da maioria dos migrantes da diáspora muçulmana, conforme aponta o Gráfico 6 a seguir.

Gráfico 6: população da diáspora muçulmana por estado da federação.



Fonte: OBMigra, 2025. Elaborado pelo autor.

São Paulo e Paraná, são os estados com maior presença da diáspora muçulmana haja vista o histórico de imigração destes povos para estes estados. Portanto, é seguro afirmar que São Paulo é o destino de quase uma em cada duas pessoas vindas de países islâmicos, o que

traz uma oportunidade única para a igreja paulista (especialmente a paulistana) em alcançar estes PNA's.

Quadro 4: Distribuição dos grupos de povos em São Paulo

Grupo	Pop.	Porc. (%)
Árabes	15.169	55,7
Persas	2.001	7,3
Turcos	911	3,3
Urdus	3.473	12,8
Outros	5.685	20,9
TOTAL	27.239	100

Fonte: OBMigra, 2025. Elaborado pelo autor.

Os povos árabes se destacam como a maior população diaspórica muçulmana em São Paulo, com 55,7% de residentes. Os povos do grupo urdu seguem em segundo lugar, mas com menos da metade da população dos árabes. A categoria outros abarca um total de 16 (de um total de 40) povos de diferentes línguas e origens, totalizando 5.685 pessoas. Este é o retrato da diversidade da população da diáspora muçulmana em São Paulo. Apesar da grande dispersão de grupos, torna-se possível planejar esforços para alcança-los uma vez que se conhece as línguas e grupos étnicos presentes.

3 PROPOSTAS DE AÇÕES MISSIONÁRIAS PARA O MINISTÉRIO DA IGREJA LOCAL ENTRE A DIÁSPORA MUÇULMANA

Ao se tornar consciente de seu papel e das formas com que pode ministrar a todos ao seu redor, a igreja pode ser eficaz em seu trabalho de evangelizar e servir a comunidade onde foi inserida por Deus. De modo contundente, a igreja é chamada à uma reflexão neste sentido (WRIGHT, 2014, p. 337):

a igreja como um todo está refletindo a totalidade da redenção de Deus? Ou seja, que a igreja (pensando aqui na igreja local como o organismo estabelecido de forma eficaz e estratégica para a missão de Deus em uma comunidade em particular) está ciente de tudo a que a missão de Deus a participar? A igreja, por meio da participação conjunta de todos os seus membros, está aplicando o poder da cruz de Cristo a todos os efeitos do pecado e do mal nas vidas, na sociedade e no ambiente ao seu redor?

David Bosch, no capítulo 12 de sua obra *Missão Transformadora*, se debruça sobre o significado de Missão e suas implicações para a Igreja e o mundo. Ao explicar as origens do termo *missio Dei*, ele também apresenta uma definição que traz implicações holísticas para a atuação missionária da Igreja. Como descreve Bosch (2002, p. 453) a Igreja não é o fundamento da missão e nem o objetivo último dela, mas sim um agente do Reino de Deus contra o mal.

Em segundo lugar, a igreja não é o Reino de Deus. A igreja constitui na terra, o germe e o início desse reino, o sinal e o instrumento do reino vindouro de Deus. A igreja só pode ser um sacramento fidedigno da salvação para o mundo quando mostra à humanidade um vislumbre do reinado iminente de Deus – um reino de reconciliação, paz e vida nova.

Assim como Wright, Bosch constrói sua teologia da Missão distanciando a Igreja como fim e a colocando com agente. Ele é muito enfático em criticar atitudes alienantes, que façam com que a Igreja seja meramente uma “antessala do além” (idem). Com isso, David Bosch quer dizer que os esforços missionários da igreja devem ir além de se contentar em apenas salvar a alma de alguém, devendo se atentar ao fato de que as pessoas evangelizadas estão

sujeitas a condições sociais, econômicas e políticas deste mundo. Há, portanto, uma ‘convergência’ entre a libertação de indivíduos e povos na história e a proclamação do advento final do reinado de Deus. Nesta perspectiva, a igreja é o ‘povo de Deus no acontecimento mundial’ e a ‘comunidade para o mundo.’

Por outro lado, há a necessidade de equilíbrio (ou tensão criativa) entre os papéis da igreja, para evitar uma práxis distorcida, que dê atenção exclusiva apenas à salvação de almas ou exclusiva ao profetismo à sociedade, pois em ambos os casos a atuação da Igreja será incompleta. Portanto, esta tensão criativa se resolverá se a igreja local compreender sua identidade e seu chamado (BOSCH, 2002, p. 462).

A identidade da igreja deve estar em Cristo, que a resgatou e santificou (Ef 5.25-27; 1Pe 2.9), enquanto que seu chamado está no propósito desta santificação, conforme ressalta o apóstolo Pedro:

Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamar as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. (1Pe 2.9).

Nas palavras do apóstolo, a igreja é: eleita por Deus, sacerdotes de Deus, uma nação santa (separada) para Deus, e povo exclusivo de Deus. Toda a sua essência está em Deus, que também a define por suas função e propósito: sacerdotes que devem proclamar as virtudes de Deus (um chamado à salvação, pregação do Evangelho). Portanto, a identidade e chamado do povo de Deus (Igreja, neste contexto) está vinculado ao propósito do chamamento – mediar e proclamar – e a Igreja não pode existir fora desta missão.

Assim, Bosch (idem) resolve a tensão criativa usando a figura de uma elipse, para esclarecer a atuação bifocal da igreja – um foco no culto e na edificação dos membros e outro foco no serviço e engajamento ao mundo. Nas palavras de David Bosch:

No primeiro [foco] e em torno dele, ela reconhece desfruta da fonte da sua vida; é onde se enfatizam o culto e a oração. A partir do segundo foco e mediante a ele, a igreja se engaja no mundo e o desafia. Este foco é o que sai de si e se doa e em que se sublinham o serviço, a missão e a evangelização.

Portanto, a igreja precisa ampliar seu entendimento e superar paradigmas que levem a uma espiritualização excessiva. Não basta apenas “falar de Jesus” sem também servir e testemunhar com ações concretas.

Tendo isto em mente, então quais ações (ou frentes) missionárias a igreja pode realizar, de modo a contemplar a Missão de Deus de modo holístico e concreto, levando em conta o ministério às pessoas em diáspora?

- i. **Hospitalidade:** abordagem acolhedora do migrante conforme seu transfundo cultural, que vai de encontro com suas necessidades;
- ii. **Ser sensível ao contexto da pessoa:** estar ciente das vulnerabilidades do imigrante, levando em conta a alteridade;
- iii. **Integração:** auxiliar na adaptação do imigrante à sociedade, sem querer uma conversão cultural – recolocação profissional, continuação e equivalência de estudos e tudo que se refira à inserção destas pessoas na sociedade;
- iv. **Cuidado:** atenção aos problemas de saúde e emocionais;

- v. **Evangelismo e discipulado:** pregação do Evangelho de modo contextualizado e inteligível, que produza discipulado transformador e multiplicador; e
- vi. **Mobilização e envio:** despertamento vocacional e espiritual das pessoas em diáspora para que possam responder ao chamado divino para servirem a Deus.

Isto não significa que diaconia e martírio sejam suficientes ou substituam o querigma e o ensino. O essencial é que a igreja responda de forma holística ao chamado da Missão.

Assim, suas práticas missionárias podem enfrentar o mal tanto na esfera espiritual — ensinando, pregando, discipulando, defendendo a fé, combatendo entendimentos contrários ao Evangelho, ministrando cura e expulsando demônios — quanto na esfera material e terrena — acolhendo, servindo, amando, auxiliando, alimentando e cuidando.

3.1 ALGUNS DESAFIOS QUE MIGRANTES ENFRENTAM

Tanto o refugiado quanto o imigrante passam por processos de perda e resignificação, que afetam as esferas emocional, social e espiritual destas pessoas.

Na esfera emocional, Sydnor et. alli (2025, p. 45-46) descreve as dificuldades enfrentadas por refugiados como um “limbo perpétuo”, que se forma em meio a incertezas e medos. A vergonha da perda aliada aos traumas vividos, formam um “muro” que produz isolamento, ostracismo e desesperança. Portanto, o refugiado buscará segurança em relacionamentos pautados em confiança e ações práticas.

Ainda a falar da condição emocional, Sydnor et. ali (idem, p. 18-21), destaca os efeitos negativos dos traumas e desconstrução da identidade. Tal cenário emocional leva a pessoa a uma condição de estresse elevado e à extrema fragilidade. Também é possível que a pessoa fique presa em quadros depressivos, que criam um ciclo doentio de paralisia, que afetará a sua capacidade funcional e refletirá na vida familiar.

Quanto à esfera social Shimura (2025), ressalta os aspectos de necessidades essenciais, integração cultural, empregabilidade e regularização documental. O autor destaca que a segurança alimentar e moradia são as preocupações urgentes, que merecem atenção imediata, enquanto que as demais devam ser abordadas com planejamento. A integração social engloba língua e cultura e, portanto, é fundamental para que haja sucesso na integração do migrante. Embora geração de trabalho e renda sejam importantes, sem o devido acultramento o migrante não obterá sucesso no longo prazo. Por isso, a aquisição linguística e cultural tem precedente.

Complementando estas questões, Vimalasekaran (2020, loc. 6196) chama atenção ao cuidado com vulneráveis. Mulheres e crianças em situação de refúgio são alvos de exploração, preconceito e violência, pois podem estar desacompanhadas de suas famílias. Segundo o autor, a separação da família gera inseguranças e põe em xeque a capacidade da mulher de se sustentar de desenvolver novas habilidades profissionais. Esta condição faz com que estas mulheres fiquem sem voz e expostas.

3.2 PRINCÍPIOS PARA UMA ABORDAGEM EFICAZ

Primeiramente, a igreja deverá ser capacitada e conscientizada destes desafios e riscos, para estar sensível a estes temas e poder traçar planos que respondam às demandas reais, de modo a promover a dignidade e a integração do migrante.

O acolhimento de imigrantes e refugiados é complexo e por isso é necessária uma rede de apoio (VIMALASEKARAN, 2020, loc. 6217-45). Prover segurança e ofertar sustento não é uma tarefa fácil e custa muito, por isso é essencial ter parcerias estratégicas com missões e ONG's, para compartilhamento de recursos e *know-how*. A atuação da igreja só poderá ser holística, se houver participação de todo o corpo de Cristo (p. 24).

Tanto Shimura (2025, p. 107-111) quanto Vimalasekaran (2020, loc. 6171) concordam que uma abordagem contextualizada e sensível é crucial. Aspectos de comunicação intercultural e contextualização devem ser levados em conta para a intermediação cultural, que promoverá a integração do migrante à sociedade. Certamente que o objetivo é que haja a aculturação do migrante, mas isto apenas será atingido com o exercício da hospitalidade (VIMALASEKARAN, 2020).

Como parte do esforço da construção desta ponte, é essencial que a confiança seja a base da relação (SYDNOR et. alli, 2025). Muitas vezes, um refugiado teve sua confiança “corroída e substituída pela desconfiança” por causa das suas experiências negativas e traumas. Assim, este passa a ser a o seu modo de agir e poderá ocultar informações ou mentir. Isto só será quebrado, quando a pessoa se sentir segura. Certamente, tal abordagem também deverá ser sensível ao trauma (idem, p. 42-44), mobilizando profissionais e conselheiros sempre que necessário. Por isso, é relevante promover grupos terapêuticos e de cura.

Outro aspecto a se levar em conta é o compartilhar do Evangelho. Vilamasekaran (2020, loc. 6267) incentiva que igrejas locais sejam ousadas (aplicando a devida contextualização) e compartilhem histórias bíblicas. O autor aponta que a contação de histórias a partir de um

relacionamento genuíno, em um ambiente de confiança é muito mais eficaz que a simples abordagem pontual. Portanto, a abordagem ministerial holística, desenvolvida em um ambiente sensível aos desafios do migrante e contextualizada fornece as bases para uma evangelização eficaz (SYDNOR et. alli, 2025, p. 47). Sobre isso, Shimura (2025, p. 112-145) apresenta algumas ferramentas em que cristãos locais possam ser treinados para usarem de modo criativo e contextualizado.

Neste sentido, Hausfeld e Fletcher (2023, p.37) incentivam os envolvidos no ministério *à e com* a diáspora que não apenas usem narrativas bíblicas na evangelização de muçulmanos, mas que também deem capacitação, apoio e incentivo a cristãos em diáspora que participem ativamente da evangelização.

Enfatizamos a necessidade de transmitir o que foi aprendido, bem como a responsabilidade de compartilhar o evangelho com outras pessoas. Até agora, temos ajudado efetivamente os novos discípulos a se tornarem proclamadores ativos de sua fé. (Tradução do autor).

Promover a evangelização autóctone vem do reconhecimento das capacidades e chamado de discípulos em diáspora. Vimalasekaran (2020, loc. 6171-2) também chama a atenção para o fato de que o refugiado não é definido por suas fragilidades e que possui habilidades e conhecimentos.

Precisamos entender que a maioria dos refugiados não está apenas em busca de esmolas e apoio. Muitos refugiados são inteligentes e possuem habilidades únicas. Eles **buscam oportunidades para exercer suas habilidades** e realizar seus sonhos. (Tradução e grifo do autor).

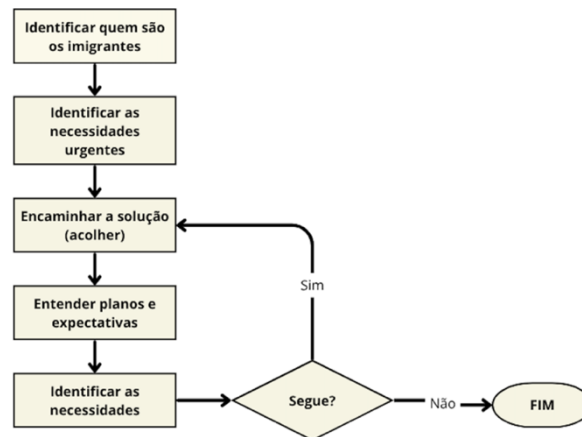
Reconhecer essas habilidades e buscar meios para que as realizem é um caminho seguro para a integração eficaz do migrante. Shimura (2025, p. 106) também incentiva que se considere os conhecimentos do migrante ao se traçar planos para realocação profissional e formação de renda. Reconhecer isto é tratar o outro com dignidade, especialmente em se tratando de irmãos em diáspora, que podem se tornar parceiros na obra missionária da igreja local.

Assim sendo, o ministério a diásporas deve partir do princípio de uma atuação holística, que considera as dores e necessidades do indivíduo e de modo inteligível e contextualizado o aborda e comunica o Evangelho pregando e vivendo a ética do Reino de Deus, enxergando no migrante como seu igual.

3.3 AÇÕES PRÁTICAS

Shimura (2025) dedica o final da sua obra para propor um passo-a-passo prático para quem quiser ministrar a imigrantes e refugiados. Este guia prático foi sintetizado no fluxograma da Figura 1, logo a seguir:

Figura 1: Fluxograma da abordagem ao migrante



Fonte: SHIMURA (2025, p. 100-103), elaborado pelo autor.

Identificar quem são os imigrantes. Realizar um levantamento na sociedade e órgãos públicos. Visitar os locais onde os migrantes tem se estabelecido e conversar. Neste momento deve-se buscar entender quem são os migrantes e traçar um perfil social: de onde vem, o status, se há crianças e famílias. Listar nomes, endereços, ocupações etc.

Identificar as necessidades urgentes. Identificar quais são as necessidades percebidas e fazer um diagnóstico inicial: vulnerabilidade alimentar, necessidade de moradia, dificuldades com saúde e escolas, cadastros e documentos etc.

Encaminhar a solução (acolher). Traçar um plano de ataque para sanar essas necessidades urgentes. Neste momento convém acionar uma rede de apoio e parceiros e direcionar os migrantes para órgãos públicos competentes ou ONGs, igrejas e demais agentes da sociedade civil.

Entender planos e expectativas. Com a situação estabilizada, agora é o momento de compreender qual são os planos, expectativas e vontades do migrante. É vital estabelecer uma relação de parceria, em que o migrante participa deste plano. Quem acolhe e quem migra devem deixar as expectativas claras quanto à relação entre eles e se há intensão de permanecer no país e por quanto tempo.

Identificar as necessidades. Uma vez que os objetivos estão claros, pode-se traçar um plano em função da estada e projeto pessoal do migrante. Assim, serão trabalhadas as reais necessidades nos médio e longo prazos. Neste momento, pode ser traçado um plano para requalificação e recolocação profissional, tratamentos de doenças e traumas, agenda para trabalho em grupos de cura emocional etc.

Stan Downes em seu artigo (DOWNES, 2020, p. 56) também escreve sobre acolhimento e descreve a experiência de parceria com igrejas locais e diaspóricas em trabalho transcultural. Além de falar dos desafios e potenciais de ministério entre diásporas, ele também lista ações concretas que uma igreja local pode tomar para ser eficaz no ministério às diásporas.

Integrando plenamente os imigrantes às igrejas existentes, compartilhando instalações com congregações de imigrantes, auxiliando os imigrantes crentes a formar suas próprias igrejas independentes e, por fim, desenvolvendo igrejas multiculturais que possam integrar pessoas de diversas culturas. (Tradução do autor).

A proposta de Downes é que se chegue a missões *com e além da diáspora*, portanto ele sugere ações que integrem a comunidade diaspórica à igreja local. Além de apoio prático com instalação e empregabilidade, o autor sugere:

- i. Promover comunhão com pessoas de igrejas da diáspora e realizar cultos conjuntos;
- ii. Incluir os recém-chegados em projetos sociais e evangelísticos;
- iii. Conectar-se com seus líderes e encorajá-los;
- iv. Buscar aprender com a comunidade migrante; e
- v. Auxiliar na fundação de igrejas étnicas e multiétnicas.

3.4 APLICAÇÃO AO CONTEXTO DA DIÁSPORA MUÇULMANA EM SÃO PAULO

A diáspora muçulmana em São Paulo é muito diversificada, mas apresenta a predominância clara do grupo árabe, seguido pelo urdu e depois pelo persa. Cada grupo tem sua própria língua, cultura e praticam o islamismo de modos diferentes. Por esta razão, é importante que se defina qual será o público alvo e que se localize onde estão na cidade (geralmente no centro).

Os homens estarão à procura de trabalho e sustento, por isso será difícil que sigam uma rotina de ensino e engajamento no horário comercial, enquanto que as mulheres estarão cuidando da rotina doméstica e das crianças. Os mundos masculino e feminino são separados e complementares na cultura islâmica, logo é melhor que sejam abordados separadamente e por pessoas do mesmo sexo. Os povos urdus, afegãos e alguns árabes tem este traço de modo muito marcante.

Assim, é conveniente que a igreja seja criativa e aberta para traçar um plano de ação que conecte seus membros a estes muçulmanos. Para tanto, será preciso que a igreja seja ensinada a se comunicar com outra cultura, a lidar com questões religiosas do islamismo e a conduzir as coisas em oração e graça. Ainda que se fale na igreja de modo geral, é mais factível que alguns vocacionados sejam preparados para este ministério, enquanto que os outros membros dão o

apoio necessário. Portanto, fica claro que a igreja não precisa assumir tal empreendimento missionário sozinha e que deve fazer parte de uma rede de apoio, ou fazer parcerias com outras missões que atuem entre a diáspora muçulmana. Assim, a igreja pode ser a ponte mediadora ou a base de operações para este trabalho.

A cidade de São Paulo é a escolha preferida da diáspora muçulmana por ser uma grande metrópole, que ainda oferece oportunidades de recomeços, por isso inicialmente estarão desorientados no contexto da capital e precisarão de pessoas que graciosamente possam conduzi-los nestes momentos. Portanto, a igreja paulistana poderá ser este mediador que graciosamente se preocupará com a vida do migrante, enquanto testifica e proclama a Palavra, abordando holisticamente o problema ao enxergar as necessidades materiais e espirituais.

No tocante à espiritualidade, há diferentes graus de aberturas tanto no nível pessoal, quanto no coletivo, i.e. iranianos são mais abertos que afegãos, por causa da história do seu país. Assim, igreja local deve estar ciente destes desafios, mas sem se inibir. Hausfeld e Fletcher (2023), Downes (2023), Zurlo (2020) Vimalasekaran (2020) e outros autores ressaltam em seus trabalhos que o indivíduo se torna mais aberto a novas ideias (especialmente sobre a fé) quando migra, pois, ao ser exposto ao novo, ele reflete sobre seus valores e os compara com os novos. O contato de muçulmanos com cristãos é uma oportunidade rica para que o Evangelho seja proclamado em um ambiente favorável à mudança de religião (ZURLO, 2020, loc. 2935).

Um ponto chave para este trabalho é identificar os cristãos em meio a estes povos. Provavelmente, esta será a primeira vez que estes irmãos terão contato com uma igreja nos moldes das da cidade de São Paulo. Muitos deles vêm de um contexto onde precisavam esconder sua fé e se relacionavam em pequenas comunidades subterrâneas e agora se deparam com o gigantismo de templos, multidões e a burocracia de associações e convenções. A igreja deverá estar sensível à caminhada de fé destas pessoas e dar continuidade a seu discipulado e despertamento vocacional. Downes (2023, p. 59-60) enfatiza o potencial de missões com e além da diáspora como meio de alcançar pessoas da rede de contatos destes cristãos, tanto no país hospedeiro, quanto no país de origem. Entretanto, é crucial que estes crentes sejam integrados ao esforço missionário da igreja local, para que seja esta ponte entre a “igreja local e a imigrante” (idem).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se envolver com a diáspora muçulmana, a igreja paulistana precisará ter coragem para sair de sua zona de conforto, ousadia para pregar o Evangelho e graça para enxergar o migrante muçulmano como o seu próximo. Nesse cenário, as migrações contemporâneas não devem ser entendidas apenas como fenômenos sociais complexos e desafiadores, mas também como oportunidades providenciais para a manifestação do amor de Deus entre estes povos não alcançados. Assim, embora as dinâmicas migratórias tragam muitos desafios para a igreja de Cristo, elas também abrem caminhos para um testemunho cristão relevante e compassivo. Todavia, o povo de Deus não deve ficar inibido frente a estes desafios, mas antes de tudo deve buscar entendê-los e responder a eles, conforme a sua vocação divina de ser sal e luz neste mundo.

A Missiologia da Diáspora e o *Motus Dei* oferecem a base missiológica para a ação missionária adequada e eficaz entre diásporas, conforme a *missio Dei*, contribuindo, assim, para responder à questão central desta pesquisa: *quais estratégias a igreja local pode usar para abordar a comunidade muçulmana diaspórica?*

Nesse contexto, a atuação da igreja de maneira holística, contextual e graciosa favorece uma proclamação mais autêntica e eficaz do Evangelho, pois permite responder às dores, necessidades e dificuldades do migrante enquanto se testemunha o Reino de Deus por meio do serviço e do amor prático ao próximo. Tal postura demonstra a dignidade inerente ao migrante e comunica, de forma concreta, a mensagem de Cristo. Consequentemente, integrar o migrante também significa discipular e inserir a diáspora cristã na vida da igreja local, buscando não apenas o fortalecimento espiritual desses irmãos, mas também a realização de seu chamado vocacional, tanto no contexto da diáspora quanto para além dela.

Ao fazermos isto, também estaremos contribuindo com o trabalho de David Bosch (BOSCH, 2002 p.617-619), que escrutiniza a história das missões eclesásticas e termina sua obra nos provocando a repensarmos como termos a ortopraxis do amor, sem perdermos a ortodoxia da fé e assim a participarmos da *missio Dei*, pois Lv 19.34 desafia o povo de Deus a amar (dando a mesma dignidade) o estrangeiro que peregrina em sua terra.

Além disso, os dados migratórios e demográficos utilizados, ainda que atualizados, refletem um fenômeno em constante transformação, podendo tornar-se rapidamente defasados diante das mudanças políticas e econômicas que afetam os fluxos migratórios. A própria cidade de São Paulo abriga comunidades muçulmanas diversas em origem, cultura e práticas religiosas,

o que dificulta a generalização das conclusões apresentadas. Diante disso, este trabalho propõe-se como contribuição inicial ao debate e convida a futuras pesquisas de caráter empírico que aprofundem a compreensão das dinâmicas internas dessas comunidades e da interação com a igreja local.

Como sugestões para trabalhos futuros podemos considerar: estudos de caso de ministério à diáspora muçulmana exercido pela igreja em São Paulo; estudos de caso sobre a formação de igrejas diaspóricas em São Paulo; estudo demográfico da diáspora muçulmana em São Paulo; e estudo das questões referentes ao discipulado e vocacionamento de cristãos em diáspora.

Que não fiquemos de fora do que Deus está fazendo!

REFERÊNCIAS

- BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 2 ed. (p. 442-608). São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.
- DOWNES, Stan. “*Mission by and beyond the Diaspora: Partnering with Diaspora Believers to Reach other Immigrants and the Local People*” in *Diaspora Missiology: Reflections on Reaching the Scattered Peoples of the World*. (p. 53-59) eBook. Pasadena, CA: William Carey Library, 2023. ISBN 978-0-87808-936-9 (ePub).
- FEDERAL: BRASIL. Lei no 13.445 de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Diário Oficial da União, Brasília, 25 maio 2017. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm>. Acesso em 15 jan. 2026.
- FEDERAL: BRASIL. Lei no 9.474 de 22 de julho de 1997. Implementa o Estatuto dos Refugiados. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de jul. 1997. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9474.htm>. Acesso em 15 jan. 2026.
- GEORGE, Sam. **Diaspora Mission and North American Muslims**. Evangelical Missions Quaternary. Julho a setembro de 2020, volume 56 ed. 3, p. 35-37. Disponível em <<https://missionexus.org/category/volume-56-issue-3/page/2/#:~:text=Diaspora%20Mission%20and%20North%20American%20Muslims>> Acesso em 18 set. 2024.
- GEORGE, Sam. et alli. *Pessoas em Movimento*. Lausanne Occasional Paper 70. 1 ed, 60 p. Global Diaspora Network, edição em português, São Paulo, 2025.
- GEORGE, Sam; HAROLD, Godfrey. *Motus Dei (The Move of God): A Theology and Missiology for a Moving World*. **Pharos Journal of Theology**. Volume 102, 2021. Disponível em <https://www.pharosjot.com/uploads/7/1/6/3/7163688/article_16_vol_102_2021_wheaton_stellenbosch.pdf>. Acesso em 02 out. 2025.
- HAUSFELD, Mark; FLETCHER, Joshua. “The Muslim Diaspora” in *Diaspora Missiology: Reflections on Reaching the Scattered Peoples of the World*. (p. 35-48) eBook. Pasadena, CA: William Carey Library, 2023. ISBN 978-0-87808-936-9 (ePub).
- HORN, Katie E.; MELKI, Camille E. “Holistic Care: A case study of heart of Lebanon’s unique role in the Syrian Refugee Crisis” in *Scattered and Gathered: a global compendium of diaspora missiology*. (Cap 38). eBook. Carlisle, Cumbria, UK: Langham Global Library, 2020. ISBN 978-1-78368-816-6 (ePub).
- IOM. World Migration Report 2024. Geneva: **International Organization for Migration**, 2024. 384 p. Disponível em <<https://worldmigrationreport.iom.int>>. Acesso em: 12 fev. 2025.
- KRAMER, Stephanie; TONG, Yunping. *The Religious Composition of the World’s Migrants – Christians are the largest migrant group, but Jews are most likely to have migrated*. **Pew Research Center**. Disponível em: <

<https://www.pewresearch.org/religion/2024/08/19/the-religious-composition-of-the-worlds-migrants/>>. Acesso em: 05 nov. 2024.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. “Métodos científicos” in *Fundamentos da metodologia científica*. 4 ed. 212p. São Paulo, SP: Ed. Atlas, 1992.

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES (OBMigra). **DataMigra** IB: base de dados sobre migrações no Brasil. 2026. Disponível em <
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMGM0YzhkNmQtNTFIMS00NDczLWJlMjctY2VhODkyYmU4ZTZiIiwidCI6ImVjMzU5YmExLTYzMGI0NGQyYiIiODMzLWM4ZTZkNDhmODAlOSJ9&pageName=2a555d64be07f5353cb1>>.
Acesso em 15 jan. 2026.

PEOPLE GROUPS. **People Groups of the World**. 2025. Disponível em <
<https://peoplegroups.org/people-groups-of-the-world/>>. Acessado em 25 set. 2025.

POCOCK, Michael. Introduction 1 in in *Diaspora Missiology: Reflections on Reaching the Scattered Peoples of the World*. (p. 7-9) eBook. Pasadena, CA: William Carey Library, 2023. ISBN 978-0-87808-936-9 (ePub).

SEVERINO, Antônio J. “Teoria e prática científica” in *Metodologia do trabalho científico*. 1 ed. (epub) 274p. São Paulo, SP. Cortez Editora, 2013.

SHIMURA, Igor. “Notas Práticas” in *Servindo os migrantes no Brasil: o papel dos evangélicos brasileiros diante do refúgio, imigração e apatridia*. 1 ed. (p. 63-139). Curitiba, PR: REBAB, 2025.

SYDNOR, Paul. et alli. *Pessoas em Deslocamento Forçado*. Lausanne Occasional paper 78. 1 ed, 61 p. Global Diaspora Network, edição em português, São Paulo, 2025.

VIMALASEKARAN, Peter. Strategies for Reaching Refugees in in *Scattered and Gathered: a global compendium of diaspora missiology*. (Cap 12). eBook. Carlisle, Cumbria, UK: Langham Global Library, 2020. ISBN 978-1-78368-816-6 (ePub).

WAN, Enoch. Diaspora Missiology in **Occasional Bulletin: The Evangelical Missiological Society (EMS)**, Vol. 20, n. 2, p 3-7, 2007. Disponível em: <
https://www.emsweb.org/wp-content/uploads/2020/11/OB_Spring_2007.pdf>.
Acesso em: 20 out. 2024.

WRIGHT, Christopher, J. H. *A Missão de Deus – Desvendando a grande narrativa da Bíblia*. 1 ed. 575p. São Paulo, SP: Vida Nova, 2014.

ZURLO, Gina A. “Migration, Diasporas, and Diversity: A Demographic Approach” in *Scattered and Gathered: a global compendium of diaspora missiology*. (Cap 2). eBook. Carlisle, Cumbria, UK: Langham Global Library, 2020. ISBN 978-1-78368-816-6 (ePub).